

NOSSA CAPA:

Leia à página 31:

RELIGIOSAS DIRIGEM PARÓQUIAS

MARÇO — 1971 — ANO IV — N.º 32

CONVERGÊNCIA



CONVERGÊNCIA — Revista da
C. R. B.

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara.

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Redator-Chefe:
Luiz Mascarenhas Neto

Direção, Redação, Administração:
Av. Rio Branco, 123 — 10.º andar
Rio de Janeiro (ZC-21) GB
Endereço telegráfico: Conferência
Rio

Assinatura para 1971:

Brasil	Cr\$ 25,00
Exterior	US\$ 10,00
Avulso	Cr\$ 2,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda, rua Aníbal Benévolo, 173 — Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda, rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL	1
ATA FINAL DO PRIMEIRO ENCONTRO INTERAMERICANO DE RELIGIOSOS	2
INTEGRAÇÃO DO RELIGIOSO ESTRANGEIRO NA IGREJA LOCAL NA AMÉRICA LATINA, P. Edgard Beltrán	4
O missionário integrou-se corretamente? Nada para melhorar? Para retificar? Para suprimir? Para criar? Como se constatará, neste trabalho, trata-se de rever, não de criar um acontecimento novo.	
SITUAÇÃO PASTORAL DA AMÉRICA LATINA, P. Secundo Galilea	13
◆ Contexto do catolicismo latino-americano ◆ As transformações da última década ◆ As novas orientações pastorais Ignorar as intuições pastorais na ação apostólica faz a pastoral ineficaz, contra a história, e portanto, contra a mesma Igreja e o evangelho.	
PROBLEMAS, TAREFAS, PERSPECTIVAS, P. Renato Poblete	18
Não existe uma América Latina homogênea, mas uma e múltipla. A primeira coisa, portanto, a fazer é uma avaliação dos trabalhos e das obras para ver se os objetivos da ação missionária da Igreja estão sendo alcançados.	
A CONTRIBUIÇÃO DOS RELIGIOSOS CANADENSES À AMÉRICA LATINA, D. Alberto Sanschagrín	23
◆ No passado. ◆ No presente. ◆ Para o futuro. O Canadá fez, até hoje, um esforço notável em favor da América Latina. Poderá igualmente fazê-lo para o futuro?	
TRÊS PERGUNTAS (e suas respostas)	27
1.ª Há razões válidas para a vinda de pessoal estrangeiro para a América Latina? 2.ª Deve-se exigir algum requisito especial em quem vem? 3.ª Para qualquer tarefa pastoral é adequado o religioso estrangeiro?	
RELIGIOSAS DIRIGEM PARÓQUIAS, Ir. Jeanne M. Tierney	31
◆ Será uma contribuição para a vida religiosa? ◆ Será o tipo de VR que melhor serve ao povo de Deus? A religiosa engajada na paróquia e a serviço da mesma poderá plenamente se realizar como religiosa.	



EDITORIAL

Entregamos aos nossos prezados leitores este número de **Convergência**, totalmente consagrado à presença dos religiosos estrangeiros em nosso continente latino-americano. Pela primeira vez, na história de nossas missões, realizou-se um encontro onde estivessem presentes os responsáveis pelo envio de pessoal missionário aos nossos países.

De 6 a 12 de fevereiro, na cidade do México, compareceram os provinciais e gerais dos EUA e Canadá, responsáveis por uma ou mais missões na América Latina. De nossa parte estiveram presentes 15 delegados. Foi uma análise franca, crítica e cristã, da conveniência, necessidade e possibilidades de ajuda externa para nossas igrejas locais. Quais os entraves que encontram os superiores no envio de pessoal para a América Latina, neste atual momento de crise de vocações, de reformulação da vida religiosa, de busca de outras definições de tarefas para religiosos? Quais as exigências para os que vêm? Que preparo se lhes pede? De que tarefas prioritárias deveriam se ocupar na comunidade a que vêm servir? São válidas ainda as motivações missionárias do passado, sem a devida preparação técnica e teológica?

E o terceiro ponto: Quais as exigências que se impõem à igreja local para receber o novo enviado? Qualquer igreja local, simplesmente por não ter padres ou religiosos, tem condições de receber missionários? Ou, para que estes possam vir, a comunidade e o bispo local

precisam apresentar sensibilidade para determinados valores?

Sem dúvida foi uma primeira abordagem da problemática e que exigirá posterior reflexão. Mas desde agora apareceram claras as seguintes linhas: o Canadá procurará, no máximo, manter as missões que tem no momento; não terá condições de aumentá-las. Poderá sobrevir uma diminuição. Os EUA não endossam tão radicalmente esta proposição, mas também não deram maiores esperanças. Informações que temos de outros países europeus, tradicionais fornecedores de pessoal missionário, se aproximam muito das posições do Canadá e dos Estados Unidos.

Isso obriga-nos a rever nossa política missionária. Se, paulatinamente temos de abrir mão da ajuda missionária externa, temos de nos perguntar, o que acontecerá no momento em que isto se radicalizar. O que será de nossas paróquias, de nossa pastoral? Prosseguiremos na busca desesperada de outras fontes externas? Será este o caminho desejado por Deus para nossas igrejas locais? Se Deus suscitou aqui bispos e uma comunidade de cristãos, não dirá Ele suscitar também os ministros e ministérios para garantir a sobrevivência da comunidade? Ou, que tipo de comunidade cristã seria esta?

Se faltam ministros e religiosos alguma coisa não anda bem. Falta a graça do Senhor? Não. Falta uma busca mais corajosa de nossa parte, de novos ministérios, adaptados a esta comunidade específica? Creio que sim. Ou nos conformaremos em ficar sem sacerdotes para nossas igrejas? Certamente que não.

De qualquer forma aqui temos um tremendo desafio à nossa fé e à nossa esperança. Os apóstolos, após Pentecostes, se defrontaram com o paganismo. Não se assustaram. Transformaram o que era tradicional. Adaptaram ou mudaram. E criaram o que era necessário. Não será o mesmo desafio que o Espírito nos lança hoje? Após 450 anos, dos 167.933 religiosos e religiosas da América Latina, 45,42% dos religiosos e 25,48% das religiosas continuam sendo estrangeiros. No Brasil, dos 53.000 religiosos, 49,29% dos religiosos e 15,95% das religiosas são estrangeiros.

Amanhã estes números diminuirão. Não estaria na hora de buscarmos novos caminhos? Deus não fará milagres até não termos dado tudo de nossa inteligência e vontade e fé. As páginas que seguem são considerações sérias e científicas. Possam elas iluminar nossa inteligência e mover nossa vontade.

Frei Constâncio Nogara

ATA FINAL DO PRIMEIRO ENCONTRO INTERAMERICANO DE RELIGIOSOS

México, DF 12/2/71

Depois de cinco dias de discussão e estudo, terminou hoje a **Primeira Reunião Interamericana de Religiosos**. Participaram da mesma os Superiores Maiores das congregações religiosas americanas e canadenses, que enviam pessoal para a América Latina. Participaram ainda sacerdotes e religiosos latino-americanos cujo trabalho relaciona-se com a coordenação das atividades do pessoal estrangeiro nas diversas igrejas da América Latina, assim como conferencistas e delegados especiais.

Número dos participantes:
CANADÁ: 10 religiosos e 10 religiosas; ESTADOS UNIDOS: 16 religiosos e 17 religiosas; AMÉRICA LATINA em geral: 9 religiosos e 4 religiosas; delegados especiais: 9; conferencistas, cujos nomes e cargos damos a seguir: 6.

P. Secundo Galilea, Diretor de Estudos do Instituto de Pastoral Latino-Americano (IPLA);

P. Cecílio de Lora, SM, Secretário Executivo. Departamento de Educação do CELAM.

P. Edgar Beltrán, Secretário Executivo. Departamento de Pastoral do CELAM.

P. Renato Poblete, SJ, Diretor. Centro de Sociologia Religiosa do Episcopado do Chile.

Dom Alberto Sanschagrin, OMI, Bispo de Saint Hyacinthe.

P. Manuel Edwards, SS.CC., Presidente da CLAR.

A importância desta reunião provém, em grande parte, do fato de ser a primeira ocasião em que se discute, de maneira tão aberta e neste nível, os problemas relacionados com o envio de religiosos missionários para a América Latina.

As exposições feitas caracterizam-se por seu espírito concreto e por sua atitude de abertura. Segue uma síntese e um breve comentário dos problemas tratados e as soluções pro-características sócio-culturais da área latino-americana, uma sionárias e pastorais fizeram-se considerando e relevando as postas.

O estudo das atividades talvez que se reconhece a necessidade de que todos os estudos dêste tipo tomem a mesma orientação (Cf. Galilea, **The Pastoral Situation in Latin America**).

Referendando-se o que se afirmou antes, fêz-se uma avaliação da influência numérica dos religiosos estrangeiros na América Latina (45,42% dos religiosos, Cf. De Lora, **The Contribution of Foreign Religious to Latin America Today**, Part I), juntamente com a avaliação dos benefícios e danos de sua intervenção na área (Cf. **The Contribution etc.** Part. II).

Entre os principais erros e limitações dos religiosos estrangeiros com respeito à América Latina, contam-se os seguintes, em muitos casos: uma inadequada compreensão da cultura, uma atitude de superioridade cultural que, em não poucas ocasiões, leva a uma imposição de categorias estranhas e alienantes aos grupos e às pessoas com as quais se trabalha. Também existe, em alguns casos, uma falta de compreensão do processo social que os vários países latino-americanos estão vivendo. Daqui, a incapacidade de tomar uma atitude concreta com referência a este processo. Entre os aspectos positivos, menciona-se o simples fato de que a participação dos missionários estrangeiros tornou possível a sobrevivência da Igreja na América Latina (Cf. **The Foreign Priests in L. A. who be-**

long to Religious Institutions; Colonnese, L.M., Missions Crossroads, etc.).

Entre as múltiplas soluções propostas para uma ação pastoral mais efetiva está a necessidade de estudar não somente a língua, mas também a cultura e os problemas sociais e políticos dos países nos quais o missionário vai trabalhar (Cf. Poblete, Galilea, Beltrán, **The Integration of Foreign Religious into the Local Church in Latin America**).

Sublinhou-se também a necessidade de programas que estejam orientados verdadeiramente para o desenvolvimento das várias comunidades, para que sejam capazes de resolver seus problemas, por si mesmas, e não dependam só de eventual ajuda (Cf. Juan Luis Segundo, **Notes on the Need for Foreign Personnel**). É igualmente urgente pensar em soluções tais como os diáconos casados, a possibilidade de convidar homens casados para o sacerdócio, para enfrentar uma futura diáspora nos dias por vir, (desinstitucionalização, insuficiência de ministros etc. Cf. Galilea).

Tratou-se ainda de planejar um trabalho pastoral através de

centros e institutos de estudo para a avaliação de programas. Embora se reconheça de maneira geral a necessidade de elementos técnicos para este trabalho, a ênfase, entretanto, foi dada à urgência de uma vivência pessoal integral e conscientizada para um ministério pastoral adequado à realidade latino-americana. (Cf. Poblete, Beltrán etc.).

Um aspecto importante do trabalho missionário na América Latina é a experiência obtida da situação dos países subdesenvolvidos. Voltando a seus países de origem, os missionários podem ser testemunhas e educadores acerca desta realidade que, nas palavras do P. Poblete, é "num alto grau o resultado do tratamento injusto que lhes dão os países desenvolvidos. A prosperidade de muitas nações desenvolvidas foi edificada sobre a exploração dos países subdesenvolvidos."

No final desta importante reunião que teve suas dificuldades de integração e de coordenação, havia um sentimento otimista porque, ao menos, se havia começada a dialogar amplamente sobre estes urgentes problemas e isto já é começar a caminhar para soluções.



O dinamismo do homem não está em destruir, senão em transformar por dentro, segundo as expressivas imagens da semente, do fermento e do sal.



A MAIOR ESPERANÇA
por José Comblin, Ed. Vozes —
Petrópolis, 1970.

O Pe. Comblin brindou-nos, ontem, com meditações sobre a fé. Hoje ele nos presenteia com algumas em torno do tema bíblico-teológico da esperança cristã. São seis (6): tôdas elas tomando como ponto de partida um texto da Escritura; tôdas elas procurando inserir-nos mais profundamente no

momento salvífico que estamos vivendo.

Esse livro devia trazer a quantos vivem a Igreja, no Brasil, nesse fim de século, um dinamismo novo, uma esperança maior. Como diz alhures no livro: "A esperança não é o planejamento, nem prospectiva; ela é esperar contra toda esperança. Pois o Deus da Bíblia é o Deus que promete o impossível e o realiza".

INTEGRAÇÃO DO RELIGIOSO ESTRANGEIRO NA IGREJA LOCAL NA AMÉRICA LATINA

Deve-se fazer t \ddot{o} da a revis \ddot{o} o
das estruturas eclesiais para satisfazer
às exig \hat{e} ncias de situa \csc o \tilde{e} s hist \ddot{o} ricas
concretas, mas tamb \acute{e} m com olhos
fixos na natureza da Igreja
Medellin, Doc. 15, n. $^{\circ}$ 5

I — RELAÇÃO COM OS TEMAS ANTERIORES

A situa \csc o \tilde{e} pastoral da Am \acute{e} rica Latina, as orienta \csc o \tilde{e} s pastorais de Medellin, a realidade atual do pessoal apost \ddot{o} lico (confer \hat{e} ncia de Secundo Galilea), as condi \csc o \tilde{e} s, a realidade e a contribui \csc o \tilde{e} nas atuais tarefas do religioso estrangeiro no continente latino-americano (confer \hat{e} ncias de Cecilio de Lora e Manuel Ed-

wards) exigem uma concretiza \csc o \tilde{e} e uma situa \csc o \tilde{e} nestas linhas.

O tema atual procura responder em suas linhas gerais e em algumas consequ \hat{e} ncias concretas a \hat{e} ste levantamento. Alguns aspectos ser \ddot{a} o aplica \csc o \tilde{e} do geral, v \acute{a} lido para todo o continente, por \acute{e} m, encarnado em plano local.

II — MECANISMO DE REVISÃO E DE CONVERSÃO

1. Sem d \acute{u} vida, estamos diante de um problema de revis \ddot{o} o e n \ddot{a} o da cria \csc o \tilde{e} de um acontecimento n \ddot{o} vo. S \ddot{a} o muitos os mission \acute{a} rios que, h \acute{a} muito tempo, j \acute{a} chegaram \grave{a} Igreja na Am \acute{e} rica Latina. Agora levantamos uma quest \ddot{a} o: Sua integra \csc o \tilde{e} ou encarna \csc o \tilde{e} da Igreja local

foi correta? N \ddot{a} o tem nada a melhorar? Algo a retificar, suprimir, criar?

Se \hat{e} ste \acute{e} o nosso problema, aparece nesta presente reuni \ddot{a} o o esquema ao redor do qual girou a II Confer \hat{e} ncia Plen \acute{a} ria do Episcopado Latino-americano de Medellin, a qual teve diante

de si a mesma interrogação sobre a revisão e a conversão. É isto que no momento intitulamos: Mecanismo de revisão e de conversão. Os Bispos o levantaram, aplicaram-no e o resultado foi grande.

Ele está no Documento de Conclusões, no tocante à Pastoral de Conjunto, Tomo II, Doc. 15, n.º 5: "Tôda a revisão das estruturas eclesiais deve-se fazer, por certo, para satisfazer as exigências de situações históricas concretas, mas também com os olhos fixos na natureza da Igreja."

Sobre a realidade histórica concreta já se debateu anteriormente. Agora, todavia, se debaterá em plano local.

EM SÍNTESE

- I. RELAÇÃO COM OS TEMAS ANTERIORES
- II. MECANISMO DE REVISÃO E DE CONVERSÃO
- III. PROJEÇÕES
 - A. Crescimento da Comunidade Eclesial
 - B. Comunhão com a Igreja local
 - conhecimento da realidade
 - conhecimento da situação eclesial
 - planificação pastoral
 - ação conjunta
 - possibilidades
 - C. Organização e Busca
 - D. Com calor humano
 - E. Como religiosos
 - F. Comunhão em nível local
 - G. Instrumentos:
 - no lugar de origem
 - em algumas regiões do Continente
 - no mesmo país

Familiarizem-se os missionários com as tradições nacionais e religiosas. Descubram, com alegria e respeito, as sementes do Verbo aí ocultas
Decreto Ad Gentes, 11



2. Recordemos inicialmente o que constitui a **natureza da Igreja** para colocar-nos dentro dos contornos precisos de nossa reflexão atual.

O mesmo documento citado nos dá uma maravilhosa síntese de doutrina conciliar sobre a Igreja, quando depois da citação feita, o documento acrescenta: "A revisão que se deve efetuar hoje em nossa situação continental, deve estar inspirada e orientada por duas idéias diretrizes muito sublinhadas pelo concílio: a comunhão e a catolicidade". E cita a *Lumen Gentium*, 13.

Podemos, entretanto, dizer que não são duas linhas. Mas uma só, a da comunhão, quando se abre em razão do dinamismo da comunhão, continua em sua linha, isto é a catolicidade. A mesma comunhão em sua continuidade de comunhão de comunhões.

O que constitui a Igreja e a constrói, a medida de seu crescimento é a **comunhão**, é a **comunidade**. Daqui a sua importância.

Esta comunhão vai se estendendo e chega a ser "católica", "até os últimos confins da Terra," até a consumação dos séculos.

Pois bem, esta comunhão tem vários planos. Mas é de simples lógica que os planos superiores dependem dos inferiores. Não há o maior se não houver o menor. A catolicidade depende da comunhão. Assim, na ordem do ser mesmo da Igreja, a comunhão, a comunidade tem uma grande importância na linha do ser.

Tanto a comunhão quanto a catolicidade tem vários planos, e tanto o Concílio Vaticano II, quanto os Documentos de Medellín revelam bem estes planos.

No início se encontra a comunhão básica, a comunidade de base, na qual pela comunhão de um valor subjetivamente participado se comunga numa intimidade interpessoal que faz dos participantes uma verdadeira família, uma

autêntica irmandade. Uma Igreja nesta dimensão torna presente entre os homens, o Senhor Jesus: "Quando dois ou mais estão reunidos em meu nome, eu estou no meio deles."

Esta é a primeira célula do Corpo do Senhor. Ali um já existe. Igreja. Por ela e nela o homem se enxerta na Igreja.

Esta realidade deve crescer e comungar com outras comunidades de escala. Cresce assim o Corpo do Senhor.

Nesta escala básica e em escalas imediatamente superiores, se realiza estritamente falando, a Igreja. Todavia, nem toda a Igreja.

Onde se encontra e opera a Igreja de Cristo em forma já constituída é na comunhão de comunhões na qual "é a porção do povo de Deus confiada a um Bispo para que a pastoreie em cooperação com o presbitério, de tal modo que, unida a seu Pastor e por êle congregada no Espírito Santo mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua uma Igreja Particular, na qual verdadeiramente está e opera a Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo" — (C. D. n.º 11).

É a DIOCESE, onde o Bispo "apascenta suas ovelhas, como pastor próprio, ordinário e imediato."

Mas esta linha da comunhão é de um tal dinamismo que não se detém aí, continua sua linha da catolicidade e chega a formar a COLEGIALIDADE EPISCOPAL, que abrange níveis diversos e concomitantes.

A união episcopal por regiões, por vizinhança, por interesses comuns, dentro de um mesmo país, em regiões limítrofes com homogeneidade de fenômenos. É a comunhão de várias regiões.

A mais conhecida é a comunhão nacional, a totalidade de um país. Estruturalmente se exterioriza na Conferência Episcopal Nacional. Seu conteúdo de autêntica comunhão poderá ser real ou meramente externo e legal.

Esta linha de comunhão pode ultrapassar o nacional e chegar a construir comunhão entre

duas ou mais nações, uma região de nações diversas. É o caso do CEDAC, Conselho Episcopal da América Central.

A dinâmica da comunhão tem força para prosseguir crescendo e pode lograr a comunhão entre as nações de várias regiões do mesmo continente. É o caso das igrejas da região latina do Continente Americano, cuja expressão mais real no momento é o CELAM.

Poderia crescer ainda mais esta comunhão. Tem forças bastantes para isso. E fazer comungar numa catolicidade plena de realidade e de feitos tôdas as igrejas de todo o continente. Um exemplo seria a Igreja do Canadá (comunhão de tôdas as igrejas particulares) com a Igreja dos Estados Unidos (com as mesmas exigências) e com a Igreja da América Latina (com os mesmos requisitos). Esta realidade só poderia trazer bens de enorme transcendência, seja para estas mesmas Igrejas, como para a Igreja universal, e para a humanidade inteira.

Quando se verifica tal nível de comunhão e ainda se tenta abarcar o mundo inteiro, é comprovado o conteúdo e a expressão IGREJA UNIVERSAL DE CRISTO, O SENHOR.

Esta COMUNHÃO e esta COMUNHÃO DE COMUNHÕES ou CATOLICIDADE é a grande contribuição renovada e renovadora que o Espírito Santo presenteou sua Igreja hoje pelo Vaticano II e a Igreja Latino-americana pela reunião episcopal de Medellin.

A documentação do CELAM e a abundante documentação da CLAR têm riquíssima base teológica. É o que alicerça nossas reflexões.

Colocar-nos-emos especificamente na Igreja Particular, a Diocese, onde cada homem e cada mulher de quem vamos nos ocupar, vão trabalhar em concreto.

Projetar-nos-emos na pequena comunidade cristã, a comunidade de base e manteremos ainda contato com a Igreja em sua dimensão regional dentro de um país, e em sua dimensão nacional de todo o país. Excetuamos a dimensão latino-americana por ser uma dimensão especificamente refletida já em trabalhos anteriores.

III — PROJEÇÕES

A. CRESCIMENTO DA COMUNIDADE ECLESIAL

1. É o ritmo normal do organismo eclesial, do Corpo Místico de Cristo. É a vocação que recebeu do Senhor. É a explicação e a razão das andanças de Paulo, de Pedro, dos Apóstolos. É a realização contínua da frase do Novo Testamento, é a vivência dos Atos dos Apóstolos: "para que cresça o Corpo do Senhor", "até chegar à plenitude da Idade de Jesus Cristo,"

"até atingir a idade madura do Corpo do Senhor." "Aqueles que acolheram sua palavra foram batizados e se agregaram naquele dia umas três mil almas." "E o Senhor aumentava cada dia os que se salvavam."

Este crescimento é quantitativo. Precisa atingir a todos os homens. Antes do mais, porém, precisa ser qualitativo, na fé, na comunhão desta fé, da esperança e do amor. O

quantitativo tem valor e tem realidade enquanto contém em si a comunhão qualitativa.

2. Para contribuir neste crescimento do Corpo do Senhor, são chamados todos os membros deste Corpo, pois é no crescimento de cada um que todo o organismo cresce.

3. É tarefa comum, seja dos membros nascidos no mesmo lugar, como dos membros que nasceram alhures, e que chamamos de "estrangeiros". Pertencem ao país, apenas que nasceram fora.

4. Ter isto presente bem claro este ponto: os "estrangeiros engajados na Igreja" nasceram fora mas pertencem ao País. É o que justifica a sua presença, valoriza a sua missão e assegura a sua eficácia. Coloca-o como elo insubstituível na corrente histórica. Daí decorre a gratidão pelos que já trabalharam e aposentaram-se como para com aqueles que assumirão, por sua vez este trabalho salvífico.

B. COMUNHÃO COM A IGREJA LOCAL

1. Entendemos comunhão neste sentido: sinônimo de "encarnação". Tanto um como o outro parece-nos melhor do que integração. Esta comunhão tem várias exigências.

2. CONHECIMENTO DA REALIDADE

Ver o que se refere ao mecanismo de revisão e de conversão. É um dos seus elementos imprescindíveis, segundo Medellin. Supomos já conhecido o estudo do primeiro e segundo trabalho, no plano latino-americano geral. Localizamos numa concreta projeção local, em seus diversos níveis, conforme estudaremos oportunamente.

2.1. Tal conhecimento não vale por si mesmo, mas permite comungar colegialmente com a Igreja à qual pertencemos e pela qual trabalhamos.

2.2. Deve ser um conhecimento aqui e agora. Descer até à realidade concreta. Como é a realidade em mutação, este conhecimento supõe um caminhar contínuo. Como é local, não se deve copiar preguiçosamente esquemas de outras realidades. Infelizmente, tal cópia não é rara. Acarretando várias e graves conseqüências para a pastoral e para a vida dos povos que queremos servir.

2.3. Grande princípio de orientação geral a este respeito:

"Familiarizem-se com as suas tradições nacionais e religiosas. Com alegria e respeito descubram as sementes do Verbo aí ocultas. (A.G.)"

Como subsídio temos o início do capítulo II de "Ad Gentes" assim como o próêmio e a introdução de Gaudium et Spes.

2.4. Esta alegria e este respeito anulam radicalmente qualquer atitude de suficiência e de desprezo. É suficiência pensar que todos os valores já são conhecidos. É desprezo crer que não há valor algum.

2.5. Esta atitude despoja. Exige maior fé ver Cristo presente em valores que ainda não precisamos. Tal alegria e tal júbilo são fruto desta fé. Fé e alegria produzem entrega total e generosa, dentro de um grande sentido de desprendimento, como o Pobre de Javé.

2.6. Não se pode levar atitude de imposição, mas de colaboração. Evite-se transplantar problemas, como também impor soluções e métodos.

2.7. Diante de uma possível crise por ter de deixar o que se tem, e não se **saciar** plenamente no que se encontrou, é oportuno lembrar que nesta missão recebe-se mais do que se dá. Recebe-se na proporção em que se dá, e não na proporção daquilo que se dá. É muito desejável um amadurecimento como homem, como cristão, como religioso.

2.8. É importante discernir os valores reais existentes que devem permanecer e que não se pode abandonar e assim como pseudo-valores ou os valores inadequados.

2.9. Em nível de Igreja Particular e Local acresce um problema paralelo ao anterior: muitas vezes, os mesmos nativos e autóctones ignoram os seus verdadeiros valores.

2.10. Quanto à língua é preciso lembrar: não basta sua anterior apredizagem geral. O serviço, a comunhão, a alegria levarão o missionário nascido em outro país a aprender os modismos, a idiosincrasia, as acepções tão particulares do idioma falado em âmbito local.

2.11. A realidade humana que deve ser aprendida e conhecida, e como se falou nos dias anteriores, precisa ser conhecida logicamente até em nível local. É aqui que o estudo das culturas deve progredir e aperfeiçoar-se. Igualmente imprescindível é o conhecimento do processo histórico local. São muitos os fenômenos atuais que não são entendidos corretamente em sua complexidade, a não ser à luz detalhada da análise dos fatos históricos em seu contexto. Há mais pesquisa feita em âmbito latino-americano do que local. Diga-se o mesmo para o conhecimento antropológico da região.

2.12. Dentro desta realidade, urge o conhecimento dos problemas nevrálgicos concretamente vividos. É inexistente uma hierarquia prioritária dos problemas locais, em várias regiões.

2.13. A realidade religiosa é imprescindível dentro do conhecimento que nacionais e estrangeiros devem ter para uma maior finalidade

ao trabalho na Igreja local. As tradições, os mitos, as superstições, assim como seus cultos, suas formas religiosas de expressão que permanecem há séculos, são elementos fortes nestas comunidades e devem ser conhecidos para serem purificados ou conservados, segundo seus valores, sem serem confundidos com o cristianismo.

2.14. A realidade cristã reveste-se de singular importância no conhecimento necessário para comungar com a Igreja local. Quais são atualmente aqui os canais transmissores da fé? Quais os fenômenos que favorecem a transmissão e o amadurecimento na fé aqui? Quais os perigos reais?

O estudo geral do problema latino-americano ajuda e ilumina, porém, não substitui o estudo deste aspecto em nível local.

3. CONHECIMENTO DA SITUAÇÃO ECLESIAL

3.1. É igualmente um conhecimento para se comungar com a Igreja.

3.2. Deve ser fator de unidade na Igreja local.

3.3. História da Igreja local e sua análise. É muito esclarecedor: a história de sua hierarquia, de seu clero, as vocações em sua situação dentro dos grupos locais, seu progresso ou seu regresso e suas causas, seu cultivo, a forma das campanhas vocacionais. Também o estudo da presença da Igreja nos movimentos locais decisivos, se foi uma presença positiva ou negativa e seus efeitos. O mesmo com referência aos fenômenos externos à Igreja mas com influência em nível local, seja positiva seja negativa. É um aspecto muito decisivo em muitas igrejas locais na América Latina, a presença qualitativa de pessoal estrangeiro e suas influências complexas em vários aspectos.

3.4. Seu grau de conscientização.

3.5. De seu momento histórico: com o passado,
com o presente tão complexo e díspare,
com o futuro próximo (prospectiva).

3.6. Da vocação do homem: em seu crescimento integral de todos os seus valores até a estatura do Senhor Jesus. Aqui é muito importante saber qual é a imagem do homem que está motivando a pastoral local, e portanto, a compreensão e a ação dos agentes da Pastoral desta igreja. A imagem que se tem do homem representa um papel decisivo nos marcos que marca a Igreja local.

3.7. **Da vocação da Igreja.** Em meu modesto modo de ver, fundamentado entretanto em conhecimento atual e profundo de muitas igrejas do continente, é aqui que se faz profundamente, em suas raízes, o distanciamento interno de várias delas. O temporalismo exclusivista ou o falso sobrenaturalismo, têm aqui sua causa e sua explicação. É a polarização destas linhas que se excluem que está dividindo a Igreja internamente. Sua imagem autêntica é aquela que a leva a realizar-se segundo o desígnio do Senhor.

3.8. Da quantidade e da qualidade dos agentes de sua pastoral. Uma cegueira neste aspecto da conscientização da Igreja local poderá levá-la a posições suicidas. Uma visão clara deste aspecto forçá-la-á a soluções a curto e longo prazo, dentro das quais, o missionário estrangeiro encontrará a fidelidade de sua colaboração positiva e eclesial.

3.9. Da necessidade de uma Igreja em conjunto:
por princípios evangélicos e apostólicos;
por necessidade sociológica aqui e agora;
por imperativo tático de eficiência neste momento.

A ausência desta conscientização tornará muito difícil a presença do missionário religioso. Conhecendo, porém, esta falha, sentir-se-á enviado como fermento de comunidade e de unidade.

4. SUA PLANIFICAÇÃO PASTORAL

4.1. Prioridades: Deve-se conhecer a realidade a respeito. Se se detectaram os problemas nevrálgicos para buscar suas soluções. Se estas prioridades são mesmo próprias ou importadas, seja embora de outras regiões do mesmo país, seja (o que seria pior) de mais longe. Se se conhecem a casualidade, as causas comuns e mútuas, suas relações que darão às respostas validade num mesmo nível real.

4.2. A capacidade da Igreja local para detectar estas prioridades. É o grande desafio de ser intérprete acertado dos sinais dos tempos.

4.3. A consonância ou não, em relação às grandes prioridades assumidas pelos Bispos em Medellín: promoção do homem integral, especialmente no campo da promoção humana e numa grande reevangelização, e dentro de tudo isto, com uma preferência pelos menos favorecidos, pelos oprimidos, (não só em sentido econômico, mas também naquilo que contrarie o desenvolvimento do homem integral).

4.4. Se neste planejamento os religiosos fossem considerados não só como executores, mas desde o começo de seu estudo, como pede o Documento sobre os Religiosos de Medellin.

4.5. As metas. Sua explicitação tornará mais ágil a marcha até o crescimento da Igreja local. Quando estão marcadas para longo e curto prazo, quando se descobriram as tarefas e os objetivos intermediários, e quando se assinalaram as campanhas correspondentes, o trabalho eclesial se torna mais efetivo e salvífico, as pessoas realizam-se melhor, evita-se a vã fadiga, superam-se as crises de cansaço, o missionário encontra-se melhor, talvez bem pregado à sua cruz, mas uma cruz que entrevê à luz da páscoa da ressurreição e de liberação pessoal para o próximo. Quando isto falta, tudo se torna mais difícil, aumenta o campo dos conflitos, o missionário não encontra a sua ubicação. Mesmo assim, todos têm a missão de fermentar esta massa até um povo que marcha eficazmente para o crescimento do Corpo do Senhor, com a confiança de construir, debaixo da guia do Senhor e na continuidade da catolicidade dos tempos, através dos quais outros seguirão o crescimento que de nós receberam.

4.6. Avaliação. A igreja local que vive num espírito de conversão (isto é que leva a avaliação) viverá uma contínua quaresma até a grande páscoa, viverá uma páscoa já começada e em desenvolvimento perfectivo.

Esta avaliação significará uma disciplina com etapas intermediárias que levem a revisões gerais. Obrigará a avaliações por setores de trabalho pastoral e por setores de pessoas. É a aplicação pastoral do sentido de peregrinação, especialmente desta peregrinação ontológica do não ser Cristo ao ser Cristo, do ser inicialmente Cristo a ser Cristo total e perfeito. É preciso avaliar como vai este processo, que se manifesta às vezes favorável e outras vezes desfavorável a este crescimento.

Neste aspecto tão urgente o religioso nascido fora da Igreja a que está servindo, comungará profundamente com ela, se afermenta até estas disciplinas.

5. A AÇÃO CONJUNTA

5.1. Deve-se conhecer seu estado de unidade e sentir-se elemento eficaz para contribuir a esta comunhão na ação. Sentir o maior temor ante a possibilidade de prejudicar esta comunhão.

5.2. Descobrir os possíveis diferentes graus de unidade na ação dentro da Igreja local. Às vezes pode haver até guerras. Daí, os vários partidos, escandalosa e antievangélicamente irreconciliáveis. Esta guerra pode ser de-

REVISTAS

Você já conhecia?

CHRISTUS: Revista de espiritualidade dos padres jesuítas franceses. Pode-se dizer: quase excelente.

LA VIE SPIRITUELLE: Revista dos padres dominicanos franceses para a formação espiritual de padres, religiosos e leigos.

SUPPLEMENT DE LA VIE SPIRITUELLE: Destaca o tratamento dos problemas psicológicos da vida espiritual. Muito recomendável.

VIE CONSACRÉE: Antiga "Revue des Communautés religieuses" (1933-1966). Talvez a melhor revista sobre problemas específicos da vida religiosa.

clarada, com ofensas e ataques externos, ou pode ser fria, traiçoeira, por tangente, como calúnias. Oxalá a união da Igreja onde você trabalha não sofra desta realidade. Se sofre, porém, nada de covardia. Sofrer encarnadamente a distorção da cruz entre os partidos que se cruzam para ser instrumentos de ressurreição e de unidade.

Se se tem alguma coordenação, será um bom começo.

Oxalá se chegue a uma verdadeira comunhão, permanente, e pela integração de toda a ação da Igreja local, nas metas que a realidade exige e que os princípios pedem.

6. POSSIBILIDADES

6.1. Conhecer antecipadamente esta realidade complexa e esta marcha da Igreja local.

6.2. Crescer continuamente neste conhecimento.

6.3. Se se tem um trabalho assim planejado, integrar-se nele, dinamicamente.

6.4. Se não se tem um trabalho assim, sentir-se fermento novo, enviado providencialmente pelo Senhor a esta Igreja que sofre nesta situação.

C. ORGANIZAÇÃO E BUSCA

1. Pode dar-se num choque de dois países, dentro da pessoa que vai de um para outro, um desajuste entre formas diferentes de com-

portamento, embora não exclusivas. Isto não é novidade no missionário da Igreja católica. Pode ser, entretanto, mais um elemento de conflito.

1.1. O problema está numa atitude que se basta com a organização, na qual o espírito de busca fica relegado e em outra atitude onde a busca supera a organização, logrando, por vezes, o equilíbrio entre ambas as formas.

1.2. Possível choque de uma cultura de "lei" e de "normas" com uma cultura de valores diferentes, onde a organização não é a característica.

1.3. Isto incide duplamente no setor Igreja, seja de uma Igreja que podia estar bastante marcada pela cultura da lei e das normas, seja de uma igreja muito marcada pela crise das normas e que busca valores que respondam a sérios, inevitáveis e decisivos problemas do lugar.

1.4. As conseqüências deste choque podem ser várias:

- desajuste, frustrações, crise.
- dissipação diante da não muito estrita exigência da lei e crise.
- busca: a) de outras normas calcando a imagem da cultura e da igreja donde se veio; b) autêntica de valores em comunhão com os que buscam na Igreja local, descobrindo-se talvez um aspecto da Igreja, desconhecido até então.

1.5. Isto exige capacidade de abertura. Foi valioso o testemunho a este respeito do grupo que fez a experiência aqui na CIDECA, o Centro Internacional de Experimentação Cultural. Diziam que não haviam visto nem ouvido muitas soluções, mas que haviam aberto os olhos. Atitude valiosa para o serviço da Igreja.

D. COM CALOR HUMANO

1. É muito importante este aspecto e por muitas e valiosas razões.

2. É a linha humana do relacionamento daquele que chega com aquele que recepciona. Este aspecto traz muita coisa boa.

3. É a linha cristã do relacionamento. É a relação humana animada pela caridade o que leva ao amor, ao serviço, à entrega. As relações calorosas darão um verdadeiro testemunho de aprêço, de respeito, de vivência cristã no carinho ao irmão.

4. É a linha fraterna entre religiosos. Tanto com os membros da mesma comunidade religiosa, como com os religiosos do mesmo país de origem, como com os autóctones ou de outros países que trabalham ali, como ainda com os membros de outras ordens religiosas.

5. É a linha do presbitério, para os religiosos que são sacerdotes. Que coisa boa en-

contrar nêles os melhores e mais valiosos irmãos de verdade, dentro de uma familiaridade fraterna. No meio do presbitério estará o Bispo, com quem as relações de amizade são grande benefício.

6. É a linha psicológica que nas relações primárias interpessoais encontra a realização da mais básica comunidade entre os homens.

7. É a linha da América Latina: um continente de povos onde a amizade simples, a familiaridade espontânea, o serviço até heróico ao próximo, a solidariedade na desventura, são notas muito características e muito gerais.

8. Por tudo isso, a comunhão com a Igreja local atingirá até este calor humano. Mas, além de um "contrato" com o bispo, por cima de um "regulamento interno" com os irmãos, o calor humano nas relações com os membros da Igreja local serão sinal de muitos valores.

E. COMO RELIGIOSOS

1. Sem dúvida, é de sua competência realizar tudo isto.

2. Como também, com maior exigência.

2.1. Realizando o **sinal**, o testemunho da comunidade palpável de amor. Segundo Cristo, para que o mundo creia precisa ver-nos vivendo de amor. Os religiosos precisam tornar este sinal mais palpável. Que ao vê-los viver assim, o mundo saiba que Cristo veio de Deus. Que ao vê-los viver assim, o resto do povo de Deus aprenda a viver e a realizar o sinal palpável da comunidade de amor. Que ao vê-los viver assim, lembremos o céu, prefigurando em sua escatologia, pela comunidade de vida de amor dos religiosos. Seu grande papel será ser sinal e testemunho nesta comunidade.

2.2. Valor primário hierarquicamente do amor em sua vida: amor para com os outros membros da sua família religiosa; amor para com os vizinhos de moradia e de trabalho; amor para com todos os que encontramos na vida.

2.3. Os votos devem ser expressão desta comunidade e deste amor.

2.4. Maior exigência também no **serviço**. A Igreja do serviço, precisamente em nível local, deveria dispor do religioso como de um grande servidor para o indivíduo e para a comunidade. Também nisto um grande sentido para a vivência dos votos.

A esta altura se levanta o problema entre a eficácia e o ser pobre, que foi aprofundado nos documentos da CLAR.

2.5. Este sinal de amor, vivido no serviço, exige que como sinal, seja legível e fácil, pelo povo a que se dirige. Não é sinal para quem o estabelece, mas para quem o recebe. Isto obriga a conhecer as formas de pensar e de ver do

povo entre o qual se vive. Isto sublinha o fato de que, quem deve expressar que entende o sinal que oferecemos, são as mesmas pessoas com as quais convivemos. Devem ser pois os religiosos do lugar os que captam este sentido, esta significação. Uma razão a mais para que as decisões a respeito sejam em nível de Igreja local e não universal. O que pode ser sinal numa latitude pode ser nefasto contra-sinal em outra!

2.6. Pode-se levantar também aqui, em relação à Igreja local, a distinção que caberia entre as obras que devem estar a serviço da comunidade e as casas e pertences do religioso que devem ser sinal das exigências apontadas. Assim, uma escola de líderes, deveria estar muito mais bem dotada na linha da eficiência, enquanto os religiosos que a dirigem poderiam morar numa casa simples, como por exemplo, para reflexão.

2.7. Isto exige a recusa de todo isolamento e de todo exclusivismo: nem como estrangeiro, nem como religioso, nem como empregado de "nossa obra".

2.8. Pode-se optar por algumas preferências:

— Como mostra a história, quase geral, das famílias religiosas, estas nasceram por uma preferência quase sempre do mais difícil.

— Como fizeram os Bispos latino-americanos em Medellín: pelos pobres e pelos oprimidos.

— Como pede o carisma próprio desta determinada família religiosa, mas encarnado aqui agora. No grande momento continental de formação de agentes para uma mudança orientada a nova e grande tarefa de recristianização do continente.

2.9. Com os meios próprios de cada Instituto Religioso.

2.10. Na exigência grande do exemplo de união de forças numa Igreja em Conjunto.

3. Oração.

3.1. A presença do religioso vindo de outra Igreja deveria ser o fruto maduro de uma autêntica renovação da Igreja que envia e da família religiosa à qual pertence.

3.2. Toda a família religiosa, especial e diretamente sua província, deveria continuar seu acompanhamento, em diversas formas, porém, real, constante e eficazmente.

F. ÍNTIMA COMUNHÃO, EM NÍVEL LOCAL, COM

1. A Conferência Nacional dos Religiosos, e onde existem outros organismos regionais, também com estes.

1.1. Esta comunhão não deve ser simplesmente externa e estrutural.

1.2. Deverá ser de crescimento rapidamente progressivo:

— tanto pelos serviços utilizados;

— como pelos serviços exigidos;

— e pela colaboração em seu crescimento com a colaboração dada. Não somente quando pedida, mas também oferecendo-a.

2. Com a Conferência Episcopal:

2.1. Em seus diversos organismos, especialmente com aqueles que mais têm a ver com o trabalho que se deseja.

2.2. Com a Comissão de Pastoral de Conjunto, para não perder mas até contribuir na construção do Corpo do Senhor, neste Conjunto.

2.3. Isto é tanto mais urgente em nível local, quanto na América Latina é grande a percentagem de religiosos que se ocupam diretamente em trabalhos pastorais.

3. Com grupos de base entre religiosos.

4. Com o presbitério local e por meio dele, com o Bispo.

5. Com os quadros apostólicos locais.

6. Com equipes de estudo, de reflexão, de conscientização, de oração, de ação. Com sacerdotes e com leigos.

7. Com o povo de Deus e com os demais membros da comunidade humana local onde se vive.

Deve-se estudar a realidade do continente em muitas partes onde o religioso vive sozinho, sem confrades, onde pode realizar sua comunidade de vida e ainda com seu carisma próprio e determinado, com uma comunidade de base composta de membros da comunidade pastoral local.

G. INSTRUMENTOS

1. **No lugar de origem:** já se estudou em trabalhos anteriores. Mas é bom sublinhar em nível de Igreja local.

1.1. Deve haver uma consciência a respeito, na Igreja que envia.

1.2. Também na família religiosa que envia e dentro da Igreja que o envia e na Igreja que o recebe.

1.3. Consciência também em quem é enviado de uma Igreja para outra bem concreta. Não levar, consciente ou inconscientemente, a imagem da Igreja que o envia para a impor à Igreja que o recebe.

1.4. Importância e urgência dos Centros de Formação nesta primeira etapa da Igreja que envia.

1.5. Importância e urgência da conscientização, da integração e da ação conjunta das fontes destes missionários, nos vários lugares onde existem estas fontes (na Europa e na América).

1.6. Importância e urgência na aplicação dos convênios da reunião interamericana de Caracas e das orientações da COGECAL em Roma, julho de 1969.

1.7. Importância e urgência da real comunhão entre CELAM, CLAR e seus organismos especializados com os organismos representantes dos países donde são enviados os missionários para a América Latina. Esta comunhão requer que se ponha em andamento programas específicos.

1.8. A realidade do pessoal missionário requer que estes programas alcancem também os leigos e os sacerdotes.

2. Em algumas regiões do continente:

2.1. Necessidade e eficácia dos Centros de Formação e Experimentação cultural numa segunda etapa, já dentro da América Latina.

2.2. O caso do último trabalho em CIDEC. México. Resultados estupendos. Possibilidades de ajuda e assistência a outros centros como os de Lima e Cochabamba.

2.3. Possibilidade de oferecer, por parte do CELAM, dentro do Programa do Departamento de Pastoral de Conjunto, colaboração

neste plano aos institutos de Lima e Cochabamba.

2.4. Importância e urgência de que todas as famílias religiosas que enviam membros a este continente, aproveitem este serviço. Pode-se estudar algumas medidas e alguns convênios a respeito.

2.5. Importância e urgência de fazer chegar esta consciência à Europa e às suas Igrejas que estão enviando pessoal.

3. No mesmo país:

3.1. Necessidade e eficácia dos Centros Nacionais de Pastoral.

3.2. Devem ser Centros tanto para os nativos como para os estrangeiros.

3.3. Haverá assim um mútuo enriquecimento de inter-relação cultural.

3.4. Muitas experiências serão comuns, e algumas serão específicas para um e outro grupo. A análise da história nacional se reveste de interesse e de utilidade também para o grupo nacional.

3.5. Será o organismo que não somente prepara um curso nesta dimensão, mas também o promotor dos grupos de reflexão, de elaboração, de atualização, de multiplicação dentro do país.

3.6. Deve ter uma estrutura tão maleável que permita servir a qualquer grupo de pessoas e a qualquer região do país. Terá, pois, uma equipe de responsáveis assim como boa e numerosa equipe de professores.

3.7. Se isto não for factível, num primeiro momento, peça a colaboração do CELAM, que

está capacitado para assessorar a estruturação de um centro com estas características e pode conseguir professores provisórios, enquanto se preparam outros nos institutos do CELAM para dotar a Igreja local de seus elementos autóctones.

3.8. Este programa já está em andamento seja por parte dos Estados Unidos com o LAB, seja por parte do CELAM, com o Departamento de Pastoral de Conjunto. Já se falou com todos os Bispos Presidentes das Conferências Episcopais da América Latina, e há um grande interesse da parte de todos eles. Não podia faltar a colaboração, as exigências, e o aproveitamento, neste programa, dos religiosos nascidos fora do continente mas que trabalham nele.

3.9. Estes organismos de serviços, LAB e Departamento de Pastoral de Conjunto, transmitem as experiências realizadas nestes Centros já existentes. Seria conveniente uma reunião, em nível continental, entre todos os diretores destes institutos, existentes no momento e possíveis de criação?



A. Contexto do catolicismo latino-americano. Se a pastoral é a resposta do Evangelho à realidade, ao falar da pastoral na América Latina, devemos previamente caracterizar o atual contexto da Igreja e do catolicismo latino-americano. Vemos que esta Igreja e este catolicismo têm uma **personalidade muito própria e original**, e da qual não se pode prescindir. Dada a estreita relação que sempre existiu entre religião e sociedade, o perfil próprio de nossa realidade cristã é resultado de diversos elementos que me proponho analisar, embora muito brevemente.

SITUAÇÃO PASTORAL DA AMÉRICA LATINA

P. SECUNDO GALILEA

Instituto de Pastoral Latino-americano

1. Elementos **sócio-culturais**. A sociedade latino-americana é uma **sociedade desintegrada**. A grande massa dos campos e dos subúrbios urbanos estão à margem da riqueza e da cultura nacional. A par da grande injustiça que isto representa, socialmente serve para aguçá-los contrastes e as diferenças de classe sociais e sub-culturais. Isto repercute no tipo de cristianismo, também desintegrado, contrastante e dicotômico. Desintegrado porque a maioria dos cristãos vive uma fé que não participa dos valores essenciais do Evangelho, da renovação da Igreja e da consciência de seus compromissos batismais. Sua fé é, mais ou menos, nominal, condicionada à despersonalização e ao subdesenvolvimento a que a submete o sistema social. Contrasta com o tipo de cristianismo ocidental mais desenvolvido e consciente das elites religiosas de outras camadas sociais. Podemos falar propriamente da existência de dois cristianismos no continente, de duas igrejas sobrepostas, resultado de uma dicotomia sócio-cultural.
2. Elementos **religiosos**. A situação acima mencionada deu lugar ao que podemos chamar de **catolicismo popular latino-americano**, de perfil muito original, e que não se encontra em nenhuma outra parte do mundo. Além da marginalidade cultural, estão na base deste catolicismo, as tradições religiosas indígenas e os traços predominantes do catolicismo providencialista (num sentido pejorativo, pois procura sobre-



**FORUM
DE DEBATES**

por Deus as causas segundas e levar à passividade irresponsável); um catolicismo ritualista (tende a expressar-se só em ritos desencarnados da vida); muito centrado no culto dos santos, das almas dos mortos; com grande sentido de sofrimento; muito ligado às tradições, aos costumes religiosos (procissões, peregrinações, batismo, funerais...); com uma concepção de Deus castigador, ou interessado em promessas, etc., um catolicismo de salvação individual extramundana etc. Este catolicismo popular, ambíguo, deve ser considerado em qualquer pastoral latino-americana. É evidente.

3. Elementos históricos. Nosso catolicismo foi fortemente marcado em suas origens. Ligado à cristandade espanhola e a sua ação civilizadora, e a uma teologia de missão deficiente, sacramentalizou mais do que evangelizou e a fé se impôs como parte de uma cultura e não como uma conversão pessoal. Sobrepôs-se à cultura indo-espanhola que nascia, importando estruturas eclesiológicas européias, que não tomaram em conta valores potenciais de uma Igreja colorida de tonalidade americana. **A Igreja chegou "pré-fabricada, ao continente.** Desenvolveu-se não a

começar da base, ou seja, de baixo para cima. Adquiriu desde o princípio características feudais, monolíticas e quase sempre alheias à realidade nacional. Formou-se rapidamente uma **cristandade latino-americana**, uma identificação do catolicismo com a sociedade. Esta situação histórica está hoje em plena evolução e, em muitas partes, já superada, mas constituiu o pano de fundo do catolicismo latino-americano.

4. Elementos sócio-políticos. Esta cristandade, esta identificação do catolicismo com a sociedade teve uma variante religioso-política importante; o fato das alianças, sejam explícitas (os estatutos de união Igreja-Estado) sejam implícitas (em sistemas de separação jurídica) entre a hierarquia eclesiológica e os poderes estabelecidos. Poderes civis, poder econômico, grupos políticos... **A hierarquia se identifica com os grupos de tendência conservadora e conformista...** Sua reação ante os movimentos sociais e de mudança é habitualmente defensiva e desconfiada. Mesmo sem perder nunca a consciência de sua missão junto aos pobres e aos menos favorecidos, a Igreja cumpre sua missão mais pela beneficência e por uma importante obra de educação de ten-

dência conservadora, do que pela inspiração de transformações sociais ou de conscientização social das massas.

5. Elementos propriamente eclesiais e pastorais. Sobretudo depois da Independência vão se delineando traços próprios da situação pastoral na América Latina. Traços que vão se transformando em problemas, dos quais toma-se consciência aguda, porque criam crises.

Problemas próprios do ministério pastoral. Falta crônica de vocações sacerdotais; dificuldade insolúvel (menos no sistema tradicional de educação acadêmica ao ministério) de acesso ao sacerdócio para as subculturas populares. **Inadaptação crescente das estruturas pastorais:** limitação e ineficiência da ação das paróquias; pastoral dos sacramentos anárquica e "ritualista"; má preparação catequética e má legislação canônica (o matrimônio, por exemplo, de legislação importada e inadequada aos costumes do povo); falta de esforços institucionais para evangelizar e falta de preparação pastoral para isto. Tudo leva a descristianização crescente e a uma fé anêmica e sem significação no momento histórico.

B. As transformações da última década

A situação tradicional do catolicismo latino-americano, que esboçamos sumariamente, sofreu profundas alterações durante a última década. Três fatos principalmente precipitaram estas transformações: **O Concílio e a Conferência de Medellín; as mudanças sociais e a tomada de consciência revolucionária.**

É verdade que estes fatos aconteceram também nos demais países e regiões do ocidente e, em particular, na América do Norte. Os EUA sofreram ultimamente estes mesmos im-

pactos. Mas a conjuntura latino-americana é sumamente original. Estes fatos influenciaram no cristianismo de uma maneira inédita. **Tal originalidade consiste no fato que os três acontecimentos mencionados deram-se simultaneamente na América Latina.** Na América do Norte ou na Europa as mudanças sociais realizaram-se no século passado, como também as revoluções políticas. Não coincidem precisamente com a época conciliar. O próprio Concílio não foi novidade em vários países europeus, onde já viviam e se acei-

Na América Latina, historicamente:

- A Igreja sacramentalizou mais do que evangelizou.
Certo ou errado?
- A Igreja nunca perdeu a consciência de sua missão junto dos pobres e dos menos favorecidos.
Mas, inspirou também transformações sociais?
- A fé revela-se anêmica e sem significação no momento histórico atual.
De quem a responsabilidade?
- Medellín é a encarnação e o amadurecimento das orientações do Concílio Vaticano II.
Por quê?

tavam muitas de suas reformas. A grande originalidade latino-americana é que tais fatos deram-se simultaneamente e como novidade. Sua coincidência histórica numa mesma década, ao criar o impacto, criou também uma mistura explosiva de rápidas e imprevisíveis conseqüências. É um dos fatores sem os quais não se entenderá o que se passa hoje na Igreja da América Latina.

Examinamos cada um destes fatos separadamente, sem esquecer que na consciência dos cristãos eles estão concatenados e profundamente relacionados.

1. **O Concílio e Medellín.** As orientações teológicas e pastorais do Concílio caíram como uma bomba inesperada na maioria dos meios eclesiais do continente. Três anos depois, estas orientações amadureciam e se encarnavam no continente na Conferência de Medellín. Pragmáticamente falando, Medellín foi para os latino-americanos o que o Concílio foi para os europeus. De fato, no Continente, a Conferência deixou mais influência. Creio que seus grandes impactos sobre o nosso cristianismo, estão contidos nas seguintes intuições:

a) A Igreja na América Latina adquire pela primeira vez consciência coletiva de sua identidade original e de sua vo-

cação própria. **Nasceu o sentido da Igreja local latino-americana.** E com ele, a convicção de que tem de desenvolver orientações e caminhos pastorais próprios.

b) **O Cristianismo "oficial" latino-americano entra na história.** Reconcilia-se com as ideologias e movimentos sociais que plasmam hoje o futuro do continente. Sente-se responsável por uma tarefa apostólica evoluída na história e com expressões históricas. Abandona-se o ponto de vista eclesial de querer entender e julgar a realidade a partir da realidade histórica e do mundo.

A pastoral toma consciência de que não poderá ser significativa sem referendar as grandes realidades históricas que hoje nos marcam, e que a pastoral tem vertentes sociais, econômicas e também políticas. Fala-se oficialmente de uma pastoral para o desenvolvimento, para a integração, para a libertação, etc. etc.

c) Nesta mesma linha, a Igreja toma consciência de que deve encontrar outras **formas de encarnar-se na realidade latino-americana**, e de tornar-se realmente servidora. Move-a a nova eclesiologia que nasceu do Vaticano II e que incluiu a intuição de "uma Igreja servidora e pobre". Esta nova forma de "encarnação latino-americana" traduz-se numa **tendência a**

desinstitucionalizar muitos aspectos da Igreja. Faz-se uma avaliação crítica do "aparato eclesial" sobretudo no que se refere as instituições temporais (escolas, etc.). Providencialmente ou não, este movimento é reforçado em muitas partes pela política de nacionalização de muitos governos, pela falta de recursos da mesma Igreja para manter suas obras, pela crescente secularização.

d) Enfim, a Igreja adquire consciência mais aguda de sua **missão profética** no atual momento histórico. Missão que é concebida como transmissão de uma grande mística evangélica aos movimentos de libertação; como denúncia profética de tudo aquilo que atenta com a vocação integral do homem latino-americano; como um serviço desinteressado de quem a promove. Esta missão profética tende definir-se num compromisso efetivo pela causa dos pobres e dos oprimidos, e em eventuais choques com os poderes tradicionais. A Igreja latino-americana entra no terreno da "teologia política".

2. **As mudanças sociais.** É segunda coordenação fundamental. Todos os países assistiram na última década a uma exasperação explosiva de seus processos de rápida mudança social.

a) A "explosão urbana", dada por uma conjunção de uma explosão demográfica sem precedentes na história e pela imigração maciça para as cidades (sobretudo para as capitais) que se tornam anárquicas aglomerações humanas. Como consequência a ruptura dramática com a cultura tradicional latino-americana, rural e pre-técnica e a entrada dos grupos sociais numa transição de marginalidade (anonimato dos modelos e comportamentos religiosos igualmente de tipo rural e tradicional) de adesão às normas da sociedade. Tudo isto está levando para uma acelerada **descristianização do continente**, considerada a situação sublinhada na primeira parte.

b) A entrada da América Latina no processo de **industrialização e desenvolvimento** técnico com sua conseqüente **secularização**. Isto significa em âmbito pastoral, a afirmação de ideologias humanistas (sobretudo marxismo), que querem animar e interpretar a história latino-americana abstraindo-se dos valores religiosos. Significa também que os canais tradicionais da transmissão da fé (família, escola, meio rural) ficaram desbaratados pelo emprêgo maciço dos meios modernos de comunicação, o que levou a um pluralismo ideológico, ético e religioso. Enfim, o declínio da influência social da Igreja vai se acentuando a medida que avançam estes processos.

3. **A tomada de consciência da necessidade de transformação.** Sempre existiram revolucionários na América Latina. Desde a colonização espanhola. Revolucionários enquanto buscavam a transformação do sistema nacional para lograr maior liberação. A novidade atual é que a consciência de que é preciso mudar rápida e drásticamente as estruturas latino-americanas é algo generalizado presente em tôdas as elites e na mesma massa popular. As principais expressões desta consciência revolucionária poderiam ser:

a) A tomada de consciência de uma "**identidade latino-americana**" própria, diversa da Europa e da América do Norte. Há um interesse crescente pelo folclore e pela arte autóctone, pelas culturas indígenas, pelos valores ibéricos. Há um crescente nacionalismo latino-americano que se expressa hoje sem dúvida com algumas características adolescentes por uma reação da cultura européia, da qual fomos durante muito tempo dependentes, e ante a invasão econômico-cultural norte-americana.

b) A aspiração crescente de ser realmente independente, não somente politicamente, mas também cultural e economicamente. Não somente os grupos privilegiados, mas todos os setores latino-americanos, especialmente os menos favorecidos. Anseia-se intensamente pela **liberação**.

c) Esta liberação se manifesta numa busca de **justiça social**. Entre outras formas: redistribuindo bens e oportunidades para o interior do país, e na comunidade internacional. A reforma agrária, a socialização crescente, as nacionalizações, a conscientização e outras formas de educação popular, as reformas sócio-econômicas, e outras mudanças de estruturas, as exigências de um tratamen-

to justo no comércio internacional, são algumas das expressões desta busca.

d) A tendência a uma verdadeira **democratização** e participação popular em tôdas as áreas e níveis. De um sistema sócio-político "herodiano" (em mãos de privilegiados ligados a interesses estrangeiros) caminha-se para sistemas, mais ou menos socializados e eventualmente socialistas. Neste sentido, a América Latina está assistindo a **superação do neo-capitalismo**.

e) Finalmente, a conseqüência de tudo isto se nota hoje em todos os países latino-americanos.

Há uma **crescente participação dos jovens** (especialmente estudantes) como poder próprio, no processo de transformação. Seria inútil sublinhar até que ponto toda a ação pastoral da Igreja e todo o contexto da fé cristã estão condicionadas e devem fazer referência a toda esta situação e este dinamismo.

C. **As novas orientações pastorais**

A esta altura da exposição poderemos ir deduzindo as principais orientações e opções pastorais que aconselham a situação e o processo analisados. Convém também insistir que estas orientações foram assumidas em suas grandes linhas pela Conferência de Medellin.

1. Antes de tudo, é necessário buscar para a Igreja latino-americana, **um caminho pastoral próprio, autóctone e pluralista**. Próprio e autóctone devido ao seu contexto sócio-cultural e religioso em outras regiões cristãs. Pluralista pela coexistência numa mesma Igreja de subculturas diversas, contrastantes e desintegradas.

2. A pastoral latino-americana tem de **preparar-se para uma**

próxima situação de "diáspora" cristã. A crescente desinstitucionalização da Igreja, a crescente descristianização e necessidade de reevangelização, a inoperância do sistema paróquial e o esgotamento previsível dos ministérios clássicos de apostolado, vão levando os cristãos conscientes e as suas comunidades a uma situação de minoria, sem os apoios culturais ou eclesiais tradicionais.

Daqui vem todo este movimento de criar a comunidade cristã "de base" (comunidades de base, fraternidades, grupos apostólicos, etc.) e de dar a primazia à **formação de um laicato** autônomo capaz de assumir forte responsabilidade no futuro da Igreja. No atual movimento de caráter institucional e de diáspora, comunidades formadas por leigos responsáveis de sua Igreja serão a garantia do futuro do cristianismo, e será o que permanece substancialmente na sociedade secularizada que se está formando. Nesta mesma linha se situa o esforço por **integrar e promover no apostolado direto as religiosas**, impressionantemente numerosas na América Latina, entretanto confinadas a tarefas puramente educacionais e conventuais.

A implantação (condicionada a uma verdadeira reforma pastoral) dos **diáconos** casados, a possibilidade já aberta de ordenar sacerdotes a homens casados e sobretudo a busca de novas formas de ministério pastoral mais adaptadas à situação original de nosso catolicismo, tende a completar desde o ponto de vista dos agentes do apostolado, este esforço para criar novos tipos de comunidade.

Na medida em que estas novas formas de comunidade, substituírem os esquemas que regeram tradicionalmente (a diocese e a paróquia), coincidindo com as comunidades naturais, quer dizer, na medida em que se formam novas estruturas pastorais que partem da

realidade social e não das divisões eclesiais, delinear-se-á também a necessidade de uma **pastoral de conjunto**. Não como uma organização ou plano imposto de cima, mas como o eixo unitário de uma pastoral que se realiza na base, e essencialmente, unifica e serve aos diversos tipos e níveis de **comunidades de base**.

3. A pastoral precisa referir-se permanentemente ao **momento histórico**. Mais do que adaptar a linguagem da pregação, os sinais da liturgia ou o testemunho da vida religiosa, trata-se de ver tudo isto "inserir-se" na história. Que todos os aspectos da pastoral e da vida da Igreja estejam em referência e "clamem" como salvação em Cristo as aspirações e movimentos históricos da América Latina.

4. A Igreja e especialmente a Igreja oficial, deve **comprometer-se com a causa dos oprimidos**. Deve ser decididamente fator e mudança. Para isto, desolidarizar-se com a força ou o poder, que mantenha situações injustas e de pecado. Mediante esta liberdade pastoral, além de sua função de denúncia profética, a Igreja poderá infundir uma mística evangélica, a liberação e a revolução no continente. Poderá acompanhar estes movimentos — muitas vezes ambíguos — com sua crítica, injetando-lhes a força purificadora e promotora da **esperança cristã**.

5. A pastoral latino-americana tem de assumir uma **atitude crítica e construtiva ante o fato da religiosidade popular**. Uma atitude avaliativa (crítica) não conformista, evangelizadora. O desafio à evangelização é a transformação destas atitudes religiosas ambíguas numa dinâmica de fé pessoal e comprometida com as tarefas da história.

6. A pastoral deve especializar e concentrar apóstolos e

Aquêles que pensam e aqueles que sofrem são, definitivamente, os homens que fazem a história e as revoluções.

esforços nos **setores históricos** **chaves** do continente. Se a contribuição estrangeira tem um sentido, é este de proporcionar este tipo de pessoal. Mais do que falar de certos setores chaves que, como a juventude e classe operária, entrariam evidentemente nesta categoria, e por outra parte são muito variáveis, na influência e identificação cultural, segundo os países e as regiões, preferimos falar de uma especial atenção pastoral para **aquêles que pensam e para aqueles que sofrem**. São eles definitivamente os homens que fazem a história e as revoluções.

7. **Precisamos chegar a uma sã democratização da Igreja**, que leve à prática dos ideais de participação e de co-responsabilidade. Isto é vital num continente jovem, que se descobre assim mesmo, e que concebe o seu futuro histórico e cristão, como uma gigantesca obra de participação comum. Praticamente isto deverá traduzir-se numa participação dos cristãos na designação da hierarquia e nas grandes decisões da Igreja e na prática de um diálogo permanente.

Estas parecem ser as grandes intuições pastorais que orientarão o futuro do cristianismo na América Latina. Ignorá-las na ação apostólica ou em qualquer forma de ajuda externa, fará a pastoral ineficaz, contra a história, e portanto, contra a mesma Igreja e o evangelho.

Para entender os problemas e as tarefas dos religiosos na América Latina, precisamos recordar que a América Latina é una e múltipla. Já foram apresentadas as características econômicas, culturais, sociais, políticas e pastorais. Nunca se insistirá suficientemente neste fato: não existe uma América Latina homogênea. Por esta razão, todo tipo de generalização ou de afirmação a respeito pode ser inválida. A diversidade é marcante de nação para nação. As distâncias sociais, econômicas, culturais, religiosas são igualmente profundas dentro de cada república latino-americana nos seus grupos constituintes.



**PARA
REFLEXÃO**

PROBLEMAS, TAREFAS E PERSPECTIVAS

“Contribuição dos religiosos e religiosas estrangeiros à Igreja na América Latina”,
título original da conferência do **P. RENATO POBLETE, SJ**
Diretor do Centro de Sociologia Religiosa do Episcopado do Chile.

Poderíamos dizer que, muitas vezes, há mais semelhança nos valores, atitudes e opiniões, meio de vida social e de prática religiosa, se consideramos as mesmas classes sociais em diferentes crises. A mesma igualdade se encontrará entre estudantes universitários e entre grupos de operários, camponeses ou indígenas. Isso demonstra que há heterogeneidade de nação para nação como também dentro das nações há uma homogeneidade nos grupos similares das diversas nações.

O que acabamos de dizer tem o seu valor quando queremos conhecer o modo de enxertar a mensagem do evangelho e a ação dos ministros da Palavra nos diversos países. Esta diversidade não se dá só em nível econômico-social e político, mas também religioso.

Também é preciso esclarecer que nem sempre há congruência no modo de desenvolver-se. Assim, por exemplo, pode haver cidades de grande desenvolvimento socio-econômico, com índices altos de desenvolvimento socio-econômico e apresentam um tipo de religiosidade muito diverso de outras grandes cidades. As atitudes religiosas em grupos homogêneos tais como a classe média ou alta da cidade do México, de Caracas, são diversas da religiosidade de Bogotá, Santiago ou Montevideu. Em cada situação é preciso conhecer o país, a região, o grupo social com o qual se vai trabalhar, para saber que adaptação se deve fazer. Pode-se dar o caso que a ação de religiosos para um determinado país não seja a mais indicada para outras nações. Poderíamos resumir dizendo: o comportamento esperado dos religiosos na América Latina pode ser muito diversificado segundo a subcultura e o tipo religiosidade que existe em cada grupo.

Um segundo ponto de meditação antes de abordar os detalhes da problemática da integração é a necessidade que se tem de estudar e especificar as distintas funções que devem ter os ministros da Igreja. Um fato real é a drástica diminuição do número de sacerdotes e de religiosos. O sacerdote tinha quase o monopólio da ação pastoral. Hoje, na maior parte das nações, diminui o número dos seminaristas, conseqüentemente, diminui o número de ordenações, e aumentam as defecções sacerdotais. Estes fatos devem ser considerados também na perspectiva do aumento contínuo da população e da complexidade e dificuldade de uma sociedade secularizada.

Como organizar uma Igreja com pouco clero? Quais as novas tarefas que devem assumir as religiosas? Que outro tipo de pessoal consagrado poderá existir? Que funções deverão ter os diáconos? Qual a possibilidade da ordenação de homens casados? Como confiar certos ministérios a sacerdotes que pediram a laicização? Tudo isto está relacionado com a problemática específica dos religiosos.

Outro problema que também temos de levar em conta é a mudança do papel sacerdotal que está se operando em vários setores. Sem dúvida o papel sacerdotal em muitos setores está sofrendo uma secularização, isto é, o sacerdote já não goza de todo o "prestígio" que desfrutava anteriormente. Não conserva o caráter de autoridade incontestada que se desprendia do carisma de seu ofício. Hoje não se aceitam tôdas as coisas porque o padre disse. Pelo avanço da secularização em outras esferas da sociedade, podemos afirmar quanto ao papel sacerdotal, especialmente na sociedade urbana, que êle perdeu muito de seu caráter sacral.

Não se usa mais um distintivo externo clerical. Perdeu-se parte do caráter mais sacral da liturgia em benefício de uma liturgia mais participada e mais comunitária. Perdeu-se o sentido de permanência do sacerdócio pelas contínuas defecções. A participação cada vez mais ativa em tarefas que poderiam ser não unitivas como, por exemplo, a política, leva a certa desacralização da mitologização, desencanto, que Weber indica como características do processo de racionalização e secularização. No período de formação não "estão separados do mundo" nem são considerados como seres a parte. Desaparecem outros elementos ainda que outrora ajudavam a cobrir o sacerdote como certa capa sacral. Tudo isto leva a um nôvo e diferente tipo de relação sacerdote-leigo. A relação não é vertical. Não se aceita sua autoridade vertical porque se exigem do sacerdote qualidades pessoais e não qualidades de seu

ofício. A mesma promoção do laicato, um sinal de nosso tempo, êste desejo de maior liberdade, de ser considerado, de integrar-se nesta sociedade anônima em que vivemos, êste desejo de participação, tudo faz com que a relação do leigo com o sacerdote seja hoje diversa. O religioso estrangeiro deverá saber que vai se relacionar com um leigo que está amadurecendo e, em grande parte, não há mais o homem passivo de ontem.

Tudo o que acabamos de dizer tem inge-rência na adaptação de todos os religiosos, sejam sacerdotes ou não. Mencionaremos, entretanto, alguns problemas mais importantes.

O PROBLEMA MAIS CONHECIDO E MAIS CRÍTICO

Há três anos atrás um grupo de sacerdotes estrangeiros radicados no Chile mandou uma carta ao Episcopado Nacional na qual questionavam a utilidade de sua presença no país. A razão apresentada era que sua presença estaria retardando o amadurecimento da Igreja local, porque parecia mais fácil para os bispos pedir clero estrangeiro que se preocupar com a formação de seminaristas ou de descobrir novas formas de trabalho ministerial, seja intensificando a ordenação de diáconos seja a ordenação de homens casados.

Esta razão apresentada por aquêle grupo de estrangeiros é real. Não se pode, porém, generalizar. A presença generalizada de religiosos estrangeiros num país pode realmente levar a falta de promoção e de preocupação pelo clero local. Isto não significa que sejamos a favor de um isolamento. Nem negamos a necessidade de mútua dependência. Foi um modo muito simples de querer resolver problemas sem buscar soluções novas. Sem dúvida, em zonas que são chamadas de missões, onde nunca se pregou o evangelho anteriormente, esta implantação deve fazer-se pelo missionário, seja religioso, religiosa, leigo, alguém que prega uma fé desconhecida. Em outras regiões, porém, onde há uma tradição cristã, descuidou-se da urgência de que a mesma comunidade produza, ao menos, parte de seus ministros. Êste ponto parece ser essencial porque condiciona tudo mais. Se realmente não houver um esforço local, tudo o mais será como um paliativo. Não cura o mal pela raiz. Seja como fôr, a ajuda estrangeira deve durar pouco. Os mesmos países que apresentavam grande abundância de missionários, também experimentam crise. Êste primeiro problema afeta a tôdas as regiões e a todos os países, embora nem sempre se tomou consciência de sua seriedade.

O problema mais conhecido e mais crítico é a falta de adaptação do religioso por ignorância da cultura do país onde vai trabalhar, cultura que está expressa também na mentalidade do povo ao qual se vai servir. Acontece às vezes que por causa desta ignorância do estado cultural e da religiosidade do cristão a quem vai servir, o religioso pode alienar-se do fiel tratando de impor-lhe modelos pastorais que não são adequados, seja por não estar nesta etapa de desenvolvimento seja porque o método proposto não é mais conveniente para esta região determinada.

A aculturação deve fazer-se em centros especializados no país de origem e também nos mesmos países onde se vai trabalhar. Acontece, muitas vezes, que se contenta em saber um pouco de espanhol ou português, sem fazer um esforço para conhecer a cultura do país. Há congregações que por medo de certos centros de aculturação não fizeram esforço algum, pensam que como seu trabalho é dirigir um colégio onde ensine inglês, isto bastará para vir a América Latina. É assim que se transplantam costumes totalmente norte-americanos benquistos por altos grupos que apreciam mais o modelo norte-americano que a própria função na sociedade de seus próprios países.

Sem dúvida, os últimos anos mostram um avanço muito real frente a adaptação, pelo melhor uso os cursos de atualização. A falta de adaptação não é um problema exclusivo dos religiosos estrangeiros, mas também afeta os mesmos sacerdotes nativos que pela multiplicidade de trabalhos não encontram tempo para readaptar-se ou abrir-se às novas mudanças ou à problemática nova que apresenta a sociedade atual.

Outro problema que também está relacionado com a adaptação, é o de captar a mentalidade dos povos jovens que lutam por reivindicações ou pela liberação. Esta luta pela justiça pode apresentar duas dificuldades: os religiosos vem com certo temor todo tipo de reivindicação por julgá-las comunistas ou críticas ao sistema de vida do seu próprio país de origem que é muito diverso do país latino-americano; ou então podem cair na tentação de converter-se em revolucionários, em promotores de lutas. Este é papel mais dos leigos, pelas

A primeira coisa a fazer é uma avaliação dos trabalhos e das obras. Avaliação completa da integração em cada país das congregações. Realmente os objetivos da obra missionária da Igreja estão sendo alcançados?

implicações políticas que supõem maior conhecimento do país.

Outro ponto que deve considerar é a formação de grupos fechados. Algumas comunidades são guetos. Só se juntam com religiosos também estrangeiros. Não se poderiam criticar este fato se tratasse apenas de fatos esparsos, mas esta mentalidade de gueto se aplica também à pastoral. Não se preocupam de integrar-se na pastoral de conjunto. Às vezes, não há uma pastoral de conjunto no país ou na diocese mesmo neste caso, deveriam ajudar a promovê-la.

Este trabalho isolado é fruto da preocupação pelas suas obras, querendo que elas sejam o melhor possível. Esquecem assim de ajudar as outras. Por exemplo, professores que não saem do colégio, não participam de outros apostolados que os poderiam enriquecer. Sua colaboração nas férias ou em dias de festa seria importante. Outro exemplo: paróquias que são cópias fiéis de métodos de trabalho de seus países de origem, sem um exame para ver a possibilidade de se adaptar ou não às necessidades. Outras vezes, realizam um trabalho muito intenso mas de maneira muito pessoal, sem preocupar-se de coordenação com outras paróquias. Nota-se a tendência para congregar-se, para unir-se com aqueles de uma mesma nação, seja pelas visitas pelas férias, e pouca preocupação em relacionar-se com os religiosos e religiosas do país onde trabalham. Uma tendência para trabalhar juntos porque se entendem melhor e as coisas realmente se realizam.

Outro ponto que é preciso recordar é o temor de fazer o pessoal nativo participar de cargos e em responsabilidades nos colégios e hospitais e obras. Impacientam-se com a demora. Querem resultados rápidos. Demonstram pouca confiança no nativo.

Os religiosos estrangeiros tem uma confiança demasiado grande na preparação técnica e revelam tendência a sobrevalorizar a importância da própria contribuição. Isto pode criar uma muralha psicológica. Pouco desejo de abordar novos campos que requerem preparação.

Sucedem, às vezes, que por falta de preparação da pastoral no país para onde vão costumam integrar-se devido a inexistência de linhas ou pelas tarefas diferentes daquelas previstas ou por ter de enfrentar uma pastoral muito diversa, ou "atrasada", daquela que se havia previsto.

Outro problema: o apostolado que escolheram é do tipo totalmente tradicional nas paróquias ou em educação e se tem pouca integração em obras que não são dirigidas por eles seja em nível diocesano ou nacional. Custa-lhes colaborar ou trabalhar participando de outras equipes, misturados como outros religiosos nativos ou de outras nacionalidades. Pode-se dar que seja motivo de desconfiança ou porque apenas se interessam pelos trabalhos de sua congregação.

Outro ponto importante, é o econômico. Dada a grande generosidade dos países que enviam pessoal, muitas vezes enviam também dinheiro suficiente que faz com que os enviados se encontrem em situação financeira muito melhor do que seus colegas nacionais. É tendência a importar certos itens luxuosos como parte de sua bagagem pessoal, sem entender o problema econômico do país. Esta desigualdade é um obstáculo real para a integração, devido as comparações odiosas que geram. Uma solução poderia ser o estabelecimento de serviços comuns que podem ser participados por grupos de paróquias, seja na preparação de líderes, preparação de catequistas, ajuda financeira para projetos comuns. Isto pode gerar também o problema de não educar suficientemente os paroquianos para que mantenham e sustentem a Igreja.

TAREFAS

Quais seriam as tarefas mais adequadas para os religiosos estrangeiros? A resposta a esta pergunta está profundamente relacionada com a introdução a este trabalho. A diversidade de necessidades, diversidade de estudos religiosos em que encontrem os diversos grupos latino-americanos indicar-nos-ão as diversas tarefas a assumir. Mas podemos assinalar algumas prioridades que se desprendem das linhas mais específicas indicadas por Medellín:

— Estar abertos para a promoção das mudanças estruturais da América Latina. Preparar-se para ajudar a conscientizar-se e conseguir a libertação do homem todo e de todos os homens.

— Ser formadores de homens que podem multiplicar esta mesma ação.

Mais especificamente. Ajudar a fortalecer os centros de pensamento pastoral em equipes teológico-sociológicas. Isto supõe uma colaboração profunda entre teólogos capazes de uma síntese com a ajuda dos sociólogos, sobre a realidade em que vão trabalhar. Faz falta a inexistência de centros de pesquisa, investigação e ensino teológico que possa levar depois a concretização de planos de pastoral e de cursos de pastoral.

— Educação para que se esteja mais a serviço do homem marginalizado como também para inculcar novos valores que façam tomar consciência do sentido de solidariedade e da necessidade de reformas estruturais na sociedade latino-americana.

— Possibilidade de substituir outros religiosos para que, por sua vez, eles possam participar, não em obras próprias, mas em instituições estatais.

— Uma maior participação de movimentos apostólicos, em trabalhos catequéticos.

Para conseguir a melhor integração possível, poder-se-ia sugerir que os religiosos que vêm para a América Latina, tenham não somente a preparação de que tanto já se falou, aculturação na língua, mas que vivam por algum tempo e convivam com comunidades nativas para poder melhor captar o pensamento da Igreja local.

— Trabalho das religiosas para incrementação, formação de paróquias sem sacerdotes, para a animação espiritual das comunidades de base.

— Participação séria e responsável na animação social. Séria e responsável significa preparar-se com um bom conhecimento do que são as realidades sociais, do que seja a doutrina da Igreja, do que são os diversos socialismos.

— Outra tarefa dos religiosos, os norte-americanos, seria fazer conhecer na América do Norte a vida dos países em desenvolvimento para aumentar a compreensão e sensibilizá-los a uma maior solidariedade. Não se trata de apresentar as missões de nossos povos e pedir esmola, mas fazer ver as razões deste atraso que, em parte, é fruto de um injusto tratamento dado pelos países desenvolvidos. O progresso de uns é devido em parte a exploração dos subdesenvolvidos.

A estada dos religiosos norte-americanos pode-se entender como uma etapa de sua formação que os ajudará posteriormente a viver a pobreza e as outras virtudes cristãs difícil de viver no meio da opulência.

Linhas de solução a curto e a longo prazo.

A primeira coisa a fazer é uma avaliação dos trabalhos. Avaliação completa da integração em cada país das congregações religiosas.

Avaliação das obras. Em que medida estão alcançando os objetivos propostos? Esta avaliação deveria continuar com uma reflexão: realmente os objetivos da obra missionária da Igreja estão sendo alcançados? O que deveria mudar? O que se deveria intensificar?

De que maneira estão contribuindo para a promoção integral do homem latino-americano? Comunicação das experiências que resultaram coroadas de êxito para serem postas em prática.

Reuniões de religiosos em nível nacional e internacional para troca de experiências.

Reuniões de superiores religiosos norte-americanos que trabalham na América Latina com os superiores maiores dos EUA para que entre eles mesmos vejam os problemas, não de cada congregação; mas sim tudo o que deva ser melhorado ou mudado.

Para terminar, queremos insistir novamente na variedade de atividade apostólica que po-

de ter o missionário estrangeiro. Em qualquer lugar em que trabalhe deve saber que vem colaborar na formação de um homem novo. Um homem que quer viver numa sociedade onde haja mais amor, mais justiça. O missionário transmite a fé que é a base deste reino que esperamos e que começa a constituir-se aqui. Um de seus pilares é a justiça. O Reino que em Jesus Cristo se identificou com os pobres e os oprimidos. Reino que nos julgará segundo nossa fidelidade a este mandamento de justiça e de amor.

Deus nos indica ao longo da história diferentes formas de serviço aos homens. Durante muitos séculos as instituições da Igreja foram também as instituições da sociedade civil. Logo elas se mudam e se tornam confessionais. Hoje há um desejo de cooperar e de enxertar-se na sociedade civil. Nossa conclusão é que não há só uma maneira de serviço ao homem. Deus nos vai falando através das circunstâncias. Não é fácil prever que formas novas vai tomar nosso serviço ao homem. Podemos afirmar no entanto que será numa linha de liberação espiritual e material e esta última supõe que estejamos dispostos a lutar pela implantação da justiça em nosso continente.



ESTATÍSTICAS GERAIS DO CLERO BRASILEIRO (1)

Religiosos: Irmãos Professos (Institutos clericais)	1 808
Irmãos Professos (Institutos leigos)	1 602
Religiosas: Vida ativa	40 286
Vida contemplativa	1 295
Sacerdotes: Clero secular 2)	5 030
Clero religioso	8 105
Institutos religiosos femininos:	
De fundação e origem brasileira	72
De fundação e origem estrangeira	258
De vida ativa: a) origem brasileira	72
b) origem estrangeira	245
De vida contemplativa: a) origem brasileira	—
b) origem estrangeira	13
Paróquias providas — pelo clero secular	3 032
— pelo clero religioso	1 943
— Anexas	303
— Vagas	88
— confiadas a religiosas	32
Bispos (3) — Do clero secular	128
— Do clero religioso	97
Prelazias (tôdas confiadas ao clero religioso)	41

NOTAS

(1) Fontes destes dados: Departamento de Estatística do Ceris, em 4-11-1970. Estes dados estão sujeitos a alteração porque os levantamentos não estão encerrados, exceto quanto aos sacerdotes seculares, cujo levantamento foi concluído em 1969, referindo-se a 1968.

(2) Neste total não estão incluídos: a) 69 sacerdotes que estão, por motivo de trabalho, de estudos ou outras razões no exterior; b) 2 sacerdotes de rito oriental; c) 82 do Vicariato Militar, que não estão distribuídos por unidade federal.

(3) Neste total não estão incluídos os 29 prelados resignatários.

A CONTRIBUIÇÃO DOS RELIGIOSOS CANADENSES À AMÉRICA LATINA

As grandes linhas da conferência pronunciada por **DOM ALBERTO SANSCHAGRIN, OMI**, em nome da delegação canadense, no primeiro encontro dos representantes das Conferências dos Religiosos da América Latina, dos Estados Unidos e do Canadá, reunido no México, de 8 a 12 de fevereiro de 1971.

INTRODUÇÃO

- Externamos, de imediato, **nossos agradecimentos** aos promotores deste encontro porque êle nos será de grande utilidade.
- A delegação canadense reuniu-se anteriormente, três vêzes, em **jornadas de estudos e reflexão**, preparando-se para êste encontro, visando haurir maior proveito.
- Escrevemos as **questões** que lhes apresentamos, aguardando os elementos de solução e de orientação.
- Podem lê-las, portanto, atentamente. Encontrarão aí o resumo de nossas **preocupações** relativas à América Latina.

- Recebemos aqui **respostas** à maior parte de nossas questões.
- Não temos intenção de repetir estas questões, mas abordaremos **problema mais fundamental**.
- De início quero dizer-lhes que, meu trabalho é **resultado de um trabalho de equipe**, de tóda a delegação canadense. Reunimo-nos diariamente antes de chegar às conclusões que apresentamos.
- Acrescentamos que **nos encontraremos posteriormente no Canadá**:
 - + Para tirar nossas próprias conclusões, partindo das conclusões gerais deste encontro,
 - + para transmiti-las aos Superiores Maiores e também aos nossos Bispos.

PONTO CENTRAL DE NOSSAS PREOCUPAÇÕES RELATIVAMENTE À AMÉRICA LATINA

- Há uma **desorientação nossa, atualmente**, na continuação de nossa ajuda em pessoal à Igreja latino-americana
- Note-se que esta desorientação não vem do afrouxamento de nossa vontade em querer **continuar o esforço começado**, há doze anos.
- Pelo contrário! Queremos continuar com todas as forças, porém, de uma **maneira**

mais inteligente, mais refletida, mais racional, mais planificada.

- Por que no passado, nossa ajuda foi quase sempre espontânea e não respondeu a um **plano de conjunto**, ela foi generosa e entusiasta, mas também sem planificação anterior, sem coordenação suficiente.

NO PASSADO

- É preciso relevar que nossa ajuda à América Latina data de **cêrca de 125 anos**:

- + As Irmãs da Providência que se estabeleceram no Chile "por engano"! Ah! caminhos da Providência!

- + As Irmãs do Bom Pastor, no Peru, no Chile, na Bolívia.

- Ao apêlo angustiado de João XXIII, há dez anos, o Episcopado criou a **Comissão Episcopal de Cooperação com a América Latina (CECAL)** com um Escritório correspondente (OCCAL), com os quais os **Religiosos e a CRC têm colaborado plenamente**.

- As **características** de nossa cooperação:

- + **Global**: Bispos, Superiores (as) Maiores, Padres Diocesanos, Padres Religiosos, irmãos, irmãs, leigos

- + **Coordenadora** e não diretiva (ver mais abaixo). Queríamos respeitar a liberdade das dioceses e das comunidades a uma opção a seu gosto.

- Como procedia nosso Escritório:

- + Era o **canal** entre os pedidos de ajuda que vêm da América Latina e as dioceses como ainda as comunidades que pareciam as mais aptas a responder.

- + Era também o **canal** entre as comunidades que desejavam responder ao apêlo da Santa Sé e as dioceses da América Latina que apresentavam seus pedidos.

- + Recomendávamos aos Bispos e aos Superiores (as) Maiores de **ir ao local escolher** êles mesmos entre os projetos propostos e assinar um contrato com os Bispos.

Critérios habituais de escolha:

- + **Finalidade das congregações**: Ex. Os oblatos escolheram atividades entre os mineiros no Chile e na Bolívia.

- + **Realidade sociológica** das dioceses: urbanas ou rurais.

- + **Necessidades** mais gritantes e evidentes.

- + **Acolhida** mais empenhante dos **Bispos** sul-americanos.

- + Etc.

- **Busca de critérios mais objetivos e mais concretos**:

- + Tentamos, **repetidas vêzes**, obter do CELAM, critérios, nada conseguimos.

- O CELAM estava em organização.

- Experimentava-se a colegialidade episcopal.

- Não se ousava indicar preferencialmente um país ou uma obra.

- + **Mais tarde** conseguimos, seja do CELAM e COCEGAL, mas eram orientações muito gerais. Em termos

- de continente, cremos que realmente não se podia fazer melhor.
- + Teríamos querido critérios mais concretos em nível de país, de **diocese**, com indicações das prioridades pastorais.
 - + Tentamos **nós mesmos** estabelecer estas prioridades, de maneira mais precisa, mas tivemos de parar diante de várias dificuldades:
 - Países mais desenvolvidos ou menos desenvolvidos?
 - Universitários, burguesia, povo simples?
 - Operários, camponeses, classes dirigentes?
 - Rurais ou urbanas?
 - Indígenas, marginais, integrados?
 - + Cometemos certos erros inerentes à inexperiência e à improvisação:
 - Na **escolha do pessoal**, especialmente no que se refere: ao equilíbrio psicológico; ao senso de adaptação; à vida e ao trabalho de equipe etc.
 - Na **preparação do pessoal** quanto à língua e à aculturação. As **escolas de línguas** que fundamos no Canadá e na América Latina não deram o resultado esperado. Hoje temos: o "Ciruelo" em Cuernavaca que utiliza os serviços técnicos da CIDOC e o Centro Missiológico da Universidade de São Paulo, em Ottawa.

PARA O PRESENTE E PARA O FUTURO

- Os problemas atuais da Igreja Canadense:
 - + A **transformação social**, política e econômica pela qual passa o Canadá, e especialmente Quebec.
 - + A **reação** muito forte que sofre a Igreja no Canadá, especialmente, a Igreja de Quebec.
 - + Conseqüências para a Igreja Canadense:
 - + N.B. Começamos a nos reconhecer a nós mesmos no panorama da revolução social na América Latina, naquele levantamento feito pelo P. Segundo Galilea.

- **Diminuição das vocações** sacerdotais e religiosas.
- Nossos padres e nossos religiosos se auscultam e procuram definir-se.
- Os leigos oferecem-se, mas numa base provisória; mais no domínio do desenvolvimento do que da evangelização; nossa contribuição à América Latina foi **posta em questão** em certos meios.
- + O Canadá fez, até hoje, um **esforço notável** em favor da América Latina. Poderá igualmente fazê-lo no futuro?
 - **Depois de doze anos**, dobramos nosso efetivo.
 - De 1 000 que éramos em 1960, passamos a mais de 2 000 no momento.
 - **Nossos efetivos em 1 de janeiro de 1971** (OCCAL) 6 bispos; 141 padres diocesanos; 469 padres religiosos; 278 irmãos religiosos; 983 irmãs religiosas; 55 membros de Institutos seculares; 74 voluntários leigos; 5 estudantes de teologia.
 - Logo, um **total de 1796 religiosos** sobre uma cifra global de 2 011 missionários canadenses na América Latina.
 - **Pela primeira vez**, em dez anos, nosso efetivo missionário na América Latina diminuiu: 92 a menos em 1971 em comparação a janeiro de 1970.
 - Distribuição de nosso pessoal, ou seja, onde somos mais numerosos: Peru, 420; Haiti, 420; Brasil, 313; Chile, 156; Honduras, 121; República Dominicana, 106.
 - É preciso relevar a **constatação seguinte**: Todas as dioceses que puderam (27) já enviaram padres diocesanos à América Latina; todas as comunidades (?) que também puderam já enviaram também missionários à América Latina.
 - Não se deve pois esperar mais do Canadá, relativamente; a) a **novas fundações** na América Latina; b) ao **envio mais numeroso** de pessoal. c) tentaremos **manter**, mais ou menos, o número atual de missionários; d) cremos, sinceramente, entretanto, que o número diminuirá nos anos por vir.
 - No entanto, queremos **compensar**, se possível, pela **qualidade e pela preparação**, de nosso pessoal, de acordo

com as conclusões pastorais a que chegamos neste encontro.

— Em consequência, estamos dispostos a rever nossas normas e nossos critérios:

- para uma escolha mais seletiva dos missionários;
- para uma reavaliação de nossa política missionária;
- para uma redistribuição de nosso pessoal por lugar, conforme as normas estabelecidas neste encontro;

— para uma maior estabilidade de nosso pessoal na América Latina, sem pensar, porém, em perpetuidade de nossa missão.

— De um modo geral, queremos observar as conclusões pastorais deste encontro interamericano, estudando-as mais a fundo e adaptando-as à realidade canadense.

— Para este fim, programamos para depois de nosso regresso ao Canadá, encontros subseqüentes de nossa delegação.

VOTOS À GUIA DE CONCLUSÕES

— Sugerimos que o Presidente da Confederação Latino-Americana dos Religiosos, Padre Edwards, escreva uma carta aos Superiores (as) Maiores do Canadá e dos Estados Unidos sobre:

+ A escolha dos membros destinados à América Latina;

+ A preparação que é mister dar-lhes.

— Gostaríamos de conhecer os Centros de Estudos Lingüísticos e de aculturação que a América Latina coloca à nossa disposição para o preparo e a qualificação dos missionários.

— Reconhecemos que não poderá haver planificação pastoral sem estreita colaboração dos Bispos, que são os responsáveis, com os religiosos que devem colocá-la em prática. Desejamos ainda que, tanto em âmbito intercontinental, como no âmbito de cada país e de cada diocese, ser uma necessidade a programação de encontros periódicos para este fim.

— Gostaríamos também que o livro que o Latin American Bureau projeta editar,

sobre este nosso encontro, seja também editado em francês, para o Canadá e para os países de língua francesa.

— Desejamos transmitir aos Superiores (as) Maiores e também aos Bispos canadenses as conclusões pastorais deste encontro interamericano.

— Gostaríamos de convidar para visitar o Canadá, os especialistas latino-americanos, para sensibilizar o Canadá e os canadenses a respeito da Igreja latino-americana.

— Queremos também, para este fim, utilizar nossos missionários, de passagem ou de retorno ao Canadá. Nestas oportunidades, apresentariam sempre um memorial ao Governo canadense, indicando a sua política na América Latina.

— Finalmente, queremos dizer que lucrarmos muito deste encontro interamericano. Por tudo, muito obrigado.

Alberto SANSCHAGRIN, OMI
Bispo de Saint Hyacinthe



CANADENSES NO BRASIL DESDE 1961

1961	1 157
1962	1 310
1963	1 442
1964	1 548
1965	1 777
1966	1 874
1967	1 998
1968	2 078
1969	2 103
1970	2 011

CANADENSES NO BRASIL EM 1971

Bispos	6
Padres seculares	141
Padres religiosos	469
Irmãos	278
Irmãs	983
Institutos seculares	55
Voluntários leigos	74
Universitários	5

TRES PERGUNTAS

Primeira: Há razões válidas que justificam a vinda de pessoal estrangeiro para a Igreja da América Latina?

Segunda: Deve-se exigir algum requisito especial naquele que vem para a América Latina?

Terceira: Para qualquer tarefa pastoral é igualmente adequado o religioso ou a religiosa estrangeira?

P. MANUEL EDWARDS, Presidente da CLAR pronunciou sua conferência na Reunião Interamericana de Religiosos, sob o título: "Contribuição atual dos religiosos estrangeiros à América Latina," e que publicamos sob o título acima.

1. As exposições anteriores nos permitiram ver com realismo a Igreja na América Latina. Vimos que seu pessoal apostólico é composto, numa proporção muito grande, de sacerdotes e religiosos que vêm do estrangeiro. Esta corajosa colaboração é hoje posta em dúvida. Muito se fala e muito se escreve a respeito. O que mais causou impacto foi a carta dos sacerdotes estrangeiros do Chile e o artigo de Ivan Illich. Tudo nos leva a analisar, com sinceridade, o problema. Foi o que nos trouxe aqui.

2. Afinal, três perguntas se nos apresentam. Precisamos respondê-las com honestidade: **Primeira:** Há razões válidas que justificam a vinda de pessoal estrangeiro para a Igreja da América Latina? **Segunda:** Deve-se exigir algum requisito es-

pecial naquele que vem para a América Latina? **Terceira:** Para qualquer tarefa pastoral é igualmente adequado o religioso ou a religiosa estrangeira

3. Já se fizeram estudos e pesquisas sobre estes pontos. O mais importante para nós está no opúsculo "La ayuda del personal exterior a la Iglesia Latinoamericana", publicado na coleção CELAM, n.º 11. As reflexões e orientações que ali aparecem serão de muito útil aplicação para religiosos e religiosas.

4. Tratando-se de responder a primeira pergunta, o que se deve dizer de imediato é a urgência em encontrar e explicitar as razões que justificam a vinda para a América Latina de religiosos e religiosas estrangeiras. Suscitaram-se dúvidas

levantaram-se aspectos negativos. Urge-nos opor-lhes razões de peso, se estamos convencidos da validade atual do envio de pessoal à América Latina.

5. A história da Igreja na América Latina oferece um primeiro grupo de argumentos positivos. Religiosos e religiosas estrangeiros estiveram presentes ativamente desde a primeira implantação da Igreja na América Latina. Sua ação foi muito benéfica, não somente do ponto de vista religioso, também social. Não vamos entrar em detalhes. Todos conhecemos a ação original e decidida de um Padre Las Casas, ou dos jesuítas no Paraguai. Ninguém pode colocar, razoavelmente, em dúvida o valor religioso e social do trabalho dos religiosos estrangeiros na América Latina em

tarefas missionárias, assistenciais e educativas.

6. A história atual, a história que construímos hoje, nos diz também como a presença dinâmica de religiosos e religiosas estrangeiros na Igreja Latino-americana está vitalizando-a em todos os campos de ação. Não somente a ação missionária em zonas rurais e indígenas, que conta com maioria de pessoal missionário estrangeiro, mas também o ensino e a reflexão teológica, pastoral, catequética, litúrgica são animadas por numerosos religiosos e religiosas estrangeiros, trazem sua cultura, seu preparo, contribuindo para abrir novos horizontes e fazer sentir a realidade da comunhão eclesial. Em muitos casos, tanto por parte dos religiosos vindos de fora, como das comunidades locais, existem atitudes que dificultam ou retardam o crescimento da Igreja local. Isto porém, não se deve à presença mesma destes religiosos e religiosas, mas às tarefas que eles realizam ou ao modo de concretizá-las. Esta constatação nos deve levar a rever estes pontos, e não a afirmar, que a presença dos religiosos estrangeiros é prejudicial.

7. A interdependência dos povos, que existe hoje em dia em tantos aspectos, torna muito útil a presença de estrangeiros em nossas Igrejas latino-americanas, para ajudar-nos a compreender a problemática existente em outras partes e que, fatalmente chegará aos nossos países.

8. Existem também razões pastorais que devemos considerar. A primeira é a escassez do clero nativo em quase todos os países latino-americanos. É um problema muito sério. Aqui precisamos fazer uma análise ampla e sincera. A presença de religiosos estrangeiros não influencia de per si na solução do

problema. Pode até, ser obstáculo. E o é de verdade quando faz esquecer aos responsáveis do país a urgência de aplicar uma pastoral vocacional adequada às circunstâncias, flexível e em função das tarefas apostólicas diversificadas. Também transforma-se em obstáculo quando não há nas comunidades estrangeiras verdadeira preocupação pelas vocações nativas, quando não se valorizam devidamente as características próprias do país, ou quando não sabem adaptar suas tradições e seus costumes ao que pede a psicologia da juventude nativa, ou, finalmente, se pretende formar esta juventude pelos padrões de outras partes, ou pior ainda, fora do próprio país dos jovens. Este é um tema muito importante para as congregações religiosas que pode ser teste para o grau de adaptação e integração que conseguem num determinado país. Existem dados estatísticos muito significativos.

9. Diante da escassez de pessoal nativo, se impõe como principal razão pastoral, a possibilidade de suprir, seja para permitir a melhor formação de religiosos e religiosas e sacerdotes do país, seja para dar tempo ao aumento de vocações.

10. A riqueza pastoral da contribuição exterior pode ser muito favorável, como também pode ser negativa, se não existir a necessária integração.

11. O grande princípio que é preciso ter sempre presente é que toda ajuda exterior deve contribuir para o crescimento interno da Igreja local. Nisto as congregações religiosas devem ter um cuidado especial, pois é fácil que se preocupem, antes de mais nada e quase exclusivamente, o crescimento de sua própria congregação e de suas obras. O crescimento da Igreja supõe três elementos que conviria ter presentes: a) Integração dos valores (religiosos, culturais etc.) do país na ex-

pressão da vida e dos valores cristãos; b) provisão interna de ministros e de meios; c) consciência da comunhão com a Igreja universal e a consciência da responsabilidade da própria contribuição.

12. Isto nos leva a considerar as razões mais poderosas que justificam o envio de pessoal religioso à América Latina. São razões de ordem teológica. Foram muito bem expostas pelo secretário geral do CELAM, Mons. Pironio, no folheto citado. Basta agora enumerá-las.

13. A essencial natureza missionária da Igreja; a comunhão universal no único Cristo; a colegialidade episcopal e sua corresponsabilidade; exigem este envio; este sentir-se unidos no Senhor, este assumir responsabilidades.

14. Todas estas razões históricas, pastorais e teológicas, são o que justifica a validade da ajuda exterior em pessoal à Igreja da América Latina e que levou o Santo Padre a insistir neste sentido.

15. As dúvidas que apareceram e a que nos referimos no começo, dizem respeito não ao aspecto doutrinário e teórico, mas a situações concretas. Temos de dizer, para sermos sinceros, que muitas vezes encontramos falhas importantes. Em algumas ocasiões tais falhas se referem às mesmas tarefas que foram assumidas pelas comunidades religiosas; em outras se devem à falta de revisão e de reajuste às novas circunstâncias. Daí a importância das outras perguntas: quais requisitos para vir à América Latina? Quais as tarefas a assumir?

16. Respondendo à primeira pergunta, indicaremos duas condições que merecem um estudo a parte; seleção e preparação das pessoas. — Em primeiro lugar, seleção. Não se trata de colocar exigências exa-

geradas. Não podemos pretender que só venham à América Latina "os melhores". É preciso reconhecer que não é qualquer pessoa que tem as condições necessárias para que sua vinda seja proveitosa, tanto para a Igreja como para a própria pessoa.

17. Antes de mais nada requer-se consciência e capacidade de adaptação. Isto significa que se deve reconhecer que não só as circunstâncias pastorais da América Latina são distintas das circunstâncias dos Estados Unidos, do Canadá e de outros países mas ainda aceitar este fato por valiosas que sejam as concepções pastorais dos países de origem, somente é válida para a América Latina a visão pastoral que realmente tenha em conta os elementos culturais, sociais etc. do país em que se vai trabalhar. Isto supõe uma capacidade grande de desprendimento, de humildade, de flexibilidade, de fé nos planos de Deus. É muito freqüente encontrar religiosos e religiosas que subestimam o nativo do país, sua situação, o regime político, os costumes, as atitudes, a instabilidade, a falta de responsabilidade. Molestam-se e criticam fortemente os problemas que isto causa à uma ação pastoral mais acertada e eficaz. É certo que estas falhas nos latino-americanos são reais e que é preciso lutar para que desapareçam. Mas não devem esquecer-se das muitas outras qualidades que configuram a personalidade latino-americana. Cabe a outras nações parte da responsabilidade do aparecimento e conservação de muitas destas situações. Fazer próprias as circunstâncias concretas que se vive na América Latina, viver os seus problemas, apreciar os valores diferentes, é começar a adaptar-se.

18. Só isto não basta. Necessita-se de maturidade humana, psicológica, efetiva. Hoje mais do que nunca é preciso

cuidado com as pessoas que estão em crise. A tentação de enviá-las ao exterior como possível remédio é contraproducente na quase totalidade dos casos. O mal que se lhes causa e que causam à Igreja onde são enviadas pode ser muito grande. As exigências de uma vida em um ambiente distinto daquele em que se formou, supõe esta maturidade. Aqui convém estudar a idade e a experiência com as quais os religiosos e religiosas devem vir à América Latina.

19. O espírito missionário, em seu genuíno significado de "enviado", com pleno sentido de Igreja, exigem consciência daquele que vem e motivação válida para vir. Contrário ao espírito missionário é o "espírito colonialista", que por desgraça, apresentou-se muitas vezes, com sutileza, também nas comunidades religiosas.

20. Adaptabilidade, maturidade, motivação são qualidades absolutamente indispensáveis às pessoas que devem vir à América Latina. Na sua seleção devem intervir não apenas a congregação que envia, mas também, de alguma maneira que deve estudar-se, a Igreja que recebe. É a única forma de adequar as possibilidades dos que são enviados com as necessidades dos que recebem.

21. A seleção do pessoal é indispensável. Requer-se ademais uma preparação adequada. É outro ponto delicado e que não basta ater-se ao que sempre se fez até hoje. A preparação geral teológica, pastoral, espiritual, é indispensável e se supõem. Referimo-nos a uma preparação especial daquele que vem para a Igreja da América Latina. Esta preparação deve abraçar diversas etapas. A primeira consistirá nas provas de adaptabilidade e maturidade que hão de se fazer no próprio país do religioso, antes de qualquer decisão. A segunda consiste na aprendizagem da língua do país para onde se vai e da história da América Latina. Para os missionários de indígenas, supõe-se ainda a aprendizagem do dialeto indígena. Estes conhecimentos, (língua e história) são indispensáveis para poder ser agente apto de apostolado, e um meio insubstituível para a necessária adaptação mental. Esta segunda etapa convém que se realize em algum país latino-americano. Será o melhor meio de ir tomando contato com a nova realidade e de ir compreendendo o alcance da adaptação exigida. A terceira etapa é a preparação imediata para as tarefas que concretamente se vai assumir. Deverá realizar-se no país em que se vai trabalhar e



REPORTAGENS

em contato íntimo com os grupos, nativos ou estrangeiros, que se preparam para o trabalho pastoral no país. Seria de grande conveniência que em cada país latino-americano existisse um Instituto de Pastoral que se responsabilizasse por esta terceira etapa. Enquanto isto não acontece, teremos que encontrar a forma de suprir o Instituto e de preparar os missionários.

22. As congregações religiosas caíram e podem cair na tentação de não crer necessárias para seus membros estas etapas de preparação, pode fazê-las crer que seus religiosos ou religiosas vão se preparar mais rapidamente e facilmente trabalhando junto dos membros da comunidade chegados anteriormente. É um erro que se paga caro e que é muito prejudicial para a Igreja local.

23. Deve-se acrescentar que para tarefas determinadas exige-se preparação determinada. Hoje em dia não se pode pretender prestar um serviço realmente válido a Igreja, sem uma necessária especialização. Não pretendemos que todo o mundo tenha um título de doutor, porém, é necessário que se possuam os conhecimentos e as qualidades requeridas pelas tarefas apostólicas. Mais tarde se dirá que se deve dar prioridade a certas tarefas que exigem especialização definida. O indivíduo "bom para tudo", hoje pode tornar-se "bom para

nada". No serviço eclesial isto também é importante. A boa vontade, necessária e valiosa, não supere a eficiência que dá uma boa especialização.

24. E chegamos a última pergunta: quais as tarefas que convém assumir os religiosos estrangeiros?

Para responder adequadamente é preciso ter presente duas considerações: uma negativa e outra positiva. A primeira é ter presente que não é proveitoso ir a um país pelo "o que der e vier"; deve-se ir para tarefas concretas dentro de um plano pastoral. A segunda é que o critério fundamental tem de ser o crescimento e a maturidade da Igreja local.

25. No quarto ponto deste temário o Pe. Poblete marcará detalhadamente as tarefas específicas, que os religiosos devem assumir, conforme os diversos países e regiões. Basta pois aqui afirmar que são muitas as possibilidades de assumir tarefas proveitosas conforme a situação pastoral de cada Igreja.

26. Há tarefas "multiplicadoras" que merecem especial atenção. A formação de dirigentes leigos, a criação e animação de comunidades de base, a suplência de pessoal nativo para sua melhor formação, a pastoral vocacional, são destas tarefas multiplicadoras porque vão diretamente ao aumento

qualitativo e quantitativo do pessoal apostólico.

27. Outras obras requerem equipes especializadas que podem não existir no país. Tais são, por exemplo: os centros de formação superior para religiosos e religiosas, em teologia, catequese, pastoral, liturgia, sociologia etc., o Instituto de Pastoral, os centros de investigação teológica e pastoral que permitem a elaboração de um plano de pastoral e a avaliação e reajuste do que existe. Tudo isto supõe pessoal especialmente preparado e que prestará um serviço extraordinário no período necessário para que a Igreja local prepare pessoas de seu próprio país.

28. Pelo que escrevemos pode-se ver que existem razões poderosas que justificam a vinda à América Latina de religiosas estrangeiros. Mas a sua vinda não será realmente proveitosa se não existir verdadeira seleção das pessoas e se não tiverem preparadas devidamente.

É responsabilidade de nosso seminário refletir a respeito e chegar a orientações concretas que permitam uma melhor cooperação com as Igrejas da América Latina e uma melhor realização dos mesmos religiosos que venham a estas terras, seguindo sua vocação missionária.



RELIGIOSOS ESTRANGEIROS NO BRASIL (dados de 1969)

	Brasileiros	Estrangeiros	Sem declaração	Total
Padres	3 817 47,1%	4 220 52,1%	67 0,8%	8 104 100%
Irmãos	1 266 79%	297 18,5%	39 2,5%	1 602 100%
TOTAL	5 083 52,4%	4 517 46,5%	106 1,1%	9 706 100%

RELIGIOSAS DIRIGEM PARÓQUIAS

Ir. Jeanne Marie Tierny, OSU
Secretária Executiva
CRB - Regional N E III

Apresentamos aos leitores esta reflexão e análise do trabalho pastoral paroquial de religiosas no Regional Nordeste III. Desde que este tipo de trabalho teve início em 1963, em Nísia Floresta, RN, os núcleos se multiplicaram, criando uma nova dimensão de apostolado para as religiosas. Somente no Nordeste III, há mais de 50 comunidades do tipo aqui descrito. Temos conhecimento que no Regional Nordeste I e II existem também grande número.

Estas experiências que significam de contribuição para a vida religiosa? Uma tentativa de resposta à pesquisa feita por **Convergência** em 1970? O presente trabalho busca também uma interpretação. Todos estão solicitados à busca de novos sinais dos tempos, o tipo de vida religiosa que melhor sirva ao povo de Deus.

A religiosa e a Pastoral de Conjunto

É necessário que a Pastoral tenha já um começo para que as religiosas possam se inserir nela. No entanto, por uma aproximação direta da hierarquia, elas podem ajudar a suscitar e organizar esta pastoral, tanto no nível diocesano, tanto zonal como nacional. Baseando-se sobre a teologia do Vaticano II, as irmãs que são, de um lado, leigas na ordem hierárquica, de outro lado, religiosas na ordem carismática, tomam consciência na missão que lhes foi confiada e se esforçam para colaborar de modo consciente e organizado, com a hierarquia em vista da promoção e evangelização do povo.

Aqui na Regional beneficiamos de um planejamento pastoral refletida e que se amplifica cada ano. Todas as forças vivas da região estão progressivamente solicitadas e integradas em vista a atingir o grande objetivo: promover e evangelizar as massas, isto é, o desenvolvimento e a fé. A consagração das religiosas ao Cristo glorificado e presente nas irmãs é testemunho escatológico e incentivo a uma disponibilidade total à Igreja.

Nas dioceses de Bahia-Sergipe, as religiosas procuram responder sempre mais generosamente aos desejos de seus pastores. No entanto, elas são pouco numerosas frente à população. Há mesmo dioceses, como Caiteté, que não tem nenhuma religiosa, e outras, como Juazeiro, Rui Barbosa, Caravelas, Barra e Livramento, possuem apenas cinco ou dez religiosas. Desde 1965 as religiosas agruparam-se em setores especializados e procuram coordenar seu apostolado entre si e com os demais membros do povo de Deus, sacerdotes e leigos.

Estes setores são os seguintes: contemplativas, enfermeiras, educadoras, dirigentes de paróquias, colaboradoras paroquiais, auxiliares de paróquias. Chamamos de **dirigentes** de paróquias, as religiosas que respondem diretamente pela paróquia diante do Bispo; de **colaboradoras**, aquelas que residem na paróquia, mas o primeiro responsável diante do Bispo é o próprio vigário; de **auxiliares**, as que ajudam ocasionalmente nas paróquias; animando grupos de jovens e adultos, dando catequese etc. Elas não residem no meio do povo mas em colégios ou hospitais onde atuam como professoras e enfermeiras.

As Religiosas dirigentes de paróquias

A experiência de entregar paróquias às religiosas começou em outubro de 1963 na diocese de Natal, no Rio Grande do Norte. O bispo Dom Eugênio de Araújo Sales, hoje Cardeal do Rio, GB, confiava então a uma comunidade de quatro irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, a paróquia de Nísia Floresta, convidando todas as outras religiosas da diocese para que sustentassem com sua oração, interesse e ajuda material a comunidade pioneira.

Atualmente as paróquias no Nordeste III dirigidas pelas religiosas estão situadas nos bairros mais pobres ou em zona rural. Elas contam de 10 a 30 e até 50 mil habitantes.

A situação do nosso Nordeste III é bem difícil, visto a escassez de clero e de religiosas. Por exemplo: Barra tem 300 mil habitantes numa área de 120.595 quilômetros quadrados. Em 1969, tinha apenas sete padres e 10 religiosas. Seu bispo está preparando, com a ajuda de missionários estrangeiros, equipes polivalentes para dar assistência educativa, espiritual a esta zona imensa.

Em que consiste as missões das Irmãs dirigentes de Paróquia?

Elas são diretamente responsáveis diante do bispo. Desempenham tôdas as funções pastorais; mas não tem nenhum poder no tocante a duas funções essencialmente sacerdotais: dar a absolvição sacramental e a celebração da Eucaristia. Portanto, as religiosas dirigentes de paróquias consagram-se:

a) **A desenvolver o sentido comunitário** e o senso do bem comum no bairro através de visitas domiciliares e da formação de lideranças, de clubes recreativos e educativos e sobretudo da formação e da assistência às comunidades eclesiais de base.

b) **A estimular a promoção humana** tentando aproveitar os recursos do Govêrno e de outras entidades e, às vêzes, promovendo obras supletivas: escolas, ambulatórios. Dão especial atenção aos cursos de artesanato, aos clubes educativos e aos cursos de alfabetização.

c) **A promover a evangelização**, especialmente através da catequese, de círculos bíblicos etc.

d) **A organizar o culto**: Preparação aos sacramentos de iniciação cristã, batismo, crisma, primeira comunhão, penitência, matrimônio. Em geral, a catequese aos pais e padrinhos. Organização da liturgia da palavra e distribuição diária da eucaristia. Visitas aos doentes aos quais dão a comunhão. Cerimônia católica do entêrro. Promoção da vocação de leigos cristãos engajados e cuidado especial pelas vocações sacerdotais e religiosas. Além disso, são as responsáveis pelos registros paroquiais.

Relação entre a pequena comunidade e o sacerdote

O laço, não mais jurídico, mas espiritual e pastoral com o bispo, é realizado pela mediação de um padre. Ele celebra a missa dominical, dá as absolvições pedidas, prepara com as irmãs a homilia que se torna, não raramente, um diálogo com a assembléia. No plano pastoral o padre integra a equipe das religiosas, não a título de dirigente mas de cooperador.



Exigências dessa missão

a) **Em relação às irmãs.** Elas devem se sentir chamadas para esta vocação, ter aptidões naturais e espírito missionário. É necessário equilíbrio humano, capacidade explícita de relacionamento com o outro; e, sendo de iniciativa, o senso da organização, saúde e equilíbrio afetivo; certa preparação missionária para anunciar o Kerigma, a maturidade para ser, de bom grado, no meio do mundo e do imprevisto das circunstâncias, o testemunho evangélico e escatológico de uma alegre vida cristã e religiosa. Como os quadros tradicionais não existem mais, é necessário que as religiosas sejam maduras humana e espiritualmente e que o Senhor Jesus seja o todo incondicionado de sua vida.

b) **Em relação à Congregação.** Esta deve assumir plenamente a experiência no sentido de que é necessário pensar como a espiritualidade própria da Congregação deve ser vivida nesta missão nova e como fazer a necessária adaptação das regras à função pastoral. Longe de sentir marginalizada, esta pequena comunidade pode ser um fermento de renovação para a congregação.

Visto o número reduzido dos membros destas comunidades paroquiais, a Congregação deve dar uma autonomia relativamente grande para cada irmã que deve trabalhar no seu campo; escolher para formar estas comunidades, pessoas com certa afinidade humana e, sobretudo, comunhão num mesmo ideal. De fato, os laços e os motivos tradicionais de vida comum não bastam. Depois das experiências e provações do trabalho e do exercício de uma responsabilidade, muitas vêzes isolada, é importante que as irmãs, espontaneamente desejem se encontrar.

Benefícios desta missão

a) **Para o povo.** Tanto tempo abandonado, o povo acha guias espirituais. Desperta para sua dignidade humana e sobrenatural, para a doação explícita e esclarecida ao Senhor. A Igreja, família de Deus, torna-se realidade.

b) **Para as irmãs.** As exigências da vocação fazem com que as irmãs cresçam na vida espiritual para informar toda a vida do amor de Cristo e estar sempre disponíveis ao povo. É preciso ser leal e engenhosa, para guardar o tempo da oração pessoal, explícita e prolongada.

O modo de viver os votos é renovado. O **co-ração casto** da virgem prudente e forte leva a um dom imediato ao Senhor, a um serviço mais universal dos homens. A alegria de ter sido escolhida pelo Senhor e de testemunhar a força da graça fará antecipar aqui na terra a natureza da felicidade celeste.

A **pobreza** multiplica suas carícias. As irmãs se aproximam do estilo de vida do povo, vivendo em casas estreitas, às vezes, sem água encanada. Não se deve, no entanto, fazer romantismo estéril, e com pretexto de pobreza, prejudicar a eficácia do trabalho. A casa das irmãs não é aquela de uma família "natural". As exigências são necessariamente superiores para que cada uma mantenha sua individualidade e sua disponibilidade para todo o serviço.

A **obediência** passa mais pela mediação da comunidade do que da superiora. O modo de exercer a autoridade muda. Todas as irmãs são co-responsáveis e adultas, sob a coordenação de uma delas. Todas estão a par de tudo. As decisões são tomadas em conjunto.

O fato de uma pequena comunidade assumir uma paróquia oferece uma conveniência especial. A paróquia é a igreja mirim. Ela deve realizar a comunidade de vida de amor, imagem da Trindade. A comunidade tentará viver este mistério de caridade. Para isso será ajudada pelo trabalho gigantesco a cumprir, o que obriga os membros da equipe a se apoiar um sobre o outro.

c) **Para a congregação.** Esta pequena comunidade pode ser um fermento de renovação. Ela testa a formação de seus membros, obriga a distinguir o essencial do acessório. Difunde mais concretamente no Instituto religioso o apêgo à Igreja. A religiosa que se engaja lealmente na pequena comunidade inserida na paróquia e a serviço da mesma, poderá plenamente se realizar como religiosa, se ela visa, antes da eficácia pastoral imediata, a irradiação da santidade da Igreja através de uma intensa vida de oração e da vivência da fraternidade. "Antes do desenvolvimento do trabalho pastoral, desejo o progresso espiritual das irmãs", repete com frequência o Cardeal Eugênio Sales, responsável de então pelo Regional Nordeste III.



EDITORA VOZES LTDA.
Rua Frei Luís, 100
Petrópolis — Rio de Janeiro

PSICODRAMA INFANTIL

de Daniel Widlocher. Improvisar uma ação teatral oferece aos que dela participam um campo de expressão imensamente rico. Sem nenhum constrangimento, inúmeros sentimentos podem assim manifestar-se. Para que estes sentimentos sejam autênticos não é preciso que os participantes sejam enganados quanto ao caráter fictício da situação. Ninguém é obrigado a acreditar que a situação seja verdadeira para vivê-la seriamente. De qualquer modo sua participação emocional é real. Isto é psicodrama, ou seja, o conjunto de técnicas que procuram desenvolver através do teatro improvisado, as disposições latentes da vida psíquica. Seu uso com as crianças é particularmente interessante porque as crianças participam com muita intensidade da representação dramática. Este livro pretende dar a todos quantos se interessam pelo psicodrama as informações elementares. Quer ser sobretudo prático. Constitui um instrumento de trabalho a serviço dos que desejam começar o tratamento ou as investigações psicodramáticas. Quem ler este livro há de se convencer da importância desta nova forma de psicoterapia.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA CRISTÃ
de Philotheus Boehner e Etienne Gilson
Editôra Vozes Ltda., Petrópolis, RJ

Embora haja em português algumas excelentes histórias gerais da filosofia, fazia falta um compêndio que desse tratamento adequado à filosofia cristã.

A presente obra preencherá esta sensível lacuna da literatura filosófica brasileira. Quem a recomenda junto aos estudiosos são os próprios autores.

Etienne Gilson, filósofo francês, membro da Academia Francesa. Dos mais renomados intérpretes da filosofia medieval. **Philotheus Boehner**, fundador e primeiro diretor do Instituto Franciscano da Universidade São Boaventura, Nova Iorque. Dos mais competentes pesquisadores do pensamento franciscano. Nesta **História da Filosofia Cristã**, o leitor verá delinear-se diante de si as figuras mais representativas do pensamento cristão, desde os primórdios até o final da Idade Média.

As quase 600 páginas não hão de perdê-lo, nos meandros das mais complicadas questões, pois seus autores seguiram como regra-base de exposição a máxima clareza. O livro nasceu do diálogo com as fontes e do diálogo com os estudantes de filosofia.

Ele se torna assim portador de um pensamento substancial e seguro orientador para todo principiante.

Além da clareza há em cada página outra qualidade que faz esta história da filosofia ser de valor perene: a presença dos pensadores falando com suas próprias palavras. O leitor terá acesso às próprias fontes. Acompanhará ao vivo o desenrolar livre do pensamento cristão, sem o arcabouço de esquemas fabricados a priori.

O fim principal da presente obra é o de conduzir o leitor às próprias fontes. Ela terá cumprido a sua função se o levar a haurir a filosofia nos textos originais.

A obra foi pois concebida naquela humilde convicção que o melhor retrato de um pensador é sempre oferecido por seus próprios escritos. O tradutor, **Raimundo Vier**, laureado pela Universidade São Boaventura, é nome conhecido no ambiente universitário, sobretudo de Curitiba. Agora ele brinda os seus alunos com **História da Filosofia Cristã** numa linguagem esmerada e criadora, que é de per si, uma valiosa contribuição ao vocabulário filosófico da língua portuguesa.